

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MARIA DAS GRAÇAS QUEIROZ ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

São Leopoldo

2008

MARIA DAS GRAÇAS QUEIROZ ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Dissertação de Mestrado Profissional

Para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Educação Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Remi Klein

Co-Orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447c Almeida, Maria das Graças Queiroz
A construção do gosto pela leitura : uma contribuição pedagógica para a formação de leitores / Maria das Graças Queiroz Almeida ; orientador Remí Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2008.
61 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Leitura – Brasil.
3. Leitura – Desenvolvimento. I. Klein, Remí. II. Título.

MARIA DAS GRAÇAS QUEIROZ ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Dissertação de Mestrado Profissional
Para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Educação Comunitária com Infância
e Juventude

Data:

Remi Klein - Doutor em Teologia – Faculdades EST

Gisela Isolde Waechter Streck - Doutora em Teologia – Faculdades EST

AGRADECIMENTOS

A Jeová, Deus, que é a razão do meu viver e o único que é digno de ser louvado, a fonte da minha fé, esperança e força pela capacidade que me dotara de saber persistir e perseverar diante das dificuldades e imprevistos que sobrevêm a todos nós.

Aos meus filhos: Fernanda, Paula e Marlus, pela paciência que tiveram com a minha ausência.

*Ao professor orientador **Dr. Remi Klein**, meu sincero reconhecimento por tudo quanto representou em minha vida durante esta caminhada; seu apoio, incentivo, foram peças fundamentais para a concretização deste sonho realizado.*

*Aos excelentes professores - **Gisela, Valburga, Laude, Manfredo, Rudolf von Sinner**, por transmitir segurança, conhecimentos para que pudéssemos alcançar melhores resultados nos nossos trabalhos e que esta minha conquista pertence também a vocês. **MEU MUITO OBRIGADA!***

FACULDADES EST, instrumento mediador entre o meu sonho de ser e o fato de estar me tornando.

Aos funcionários, meu eterno agradecimento. Neste momento, as palavras são insuficientes. Para todos vocês, a minha gratidão pelo excelente relacionamento de convivência mensal.

A todos meus colegas, pela companhia, amizade e momentos inesquecíveis. “Se nos encontrarmos de novo estaremos sorrindo, caso isso não aconteça saibam que nosso encontro valeu a pena”.

*De tudo ficaram três coisas:
a certeza de e que estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar
e a certeza de que seria interrompido
antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo.
Fazer da queda um passo de dança,
do medo uma escada, do sono uma ponte,
da procura um encontro.*

(Fernando Sabino)

RESUMO

As reflexões aqui mencionadas direcionam-se a uma análise sobre a importância do ensino da leitura – prática entendida como uma construção do ato de linguagem do escritor, de seu sentido e de seu porquê, na qual leitor e escritor, supostamente, se encontram em um ato de cooperação; como também a capacidade de ler, compreender, refletir, interagir e agir sobre a realidade. A leitura – fator essencial para a compreensão da realidade – serve para reforçar valores éticos e morais, como também para desenvolver a criatividade em uma abordagem diferenciada e desafiadora. A leitura faz parte da vida. Com isso, sua prática deve ser envolvente e cativante a ponto de gerar necessidade e satisfação pessoal. Devemos proporcionar aos alunos um convívio com a leitura, oportunizar que ela cumpra seu papel: alargar, por meio da leitura dos signos, a leitura do mundo e privilegiar a leitura para a aquisição de conhecimento, entender como um processo histórico-social que promove e capacita o indivíduo, acreditar que o ensino de uma leitura crítica é um componente do processo de desenvolvimento e de conscientização, que permitirá ao indivíduo uma reflexão mais cuidadosa em relação aos atos sociais nos quais está inserido. O gosto pela leitura será despertado se a criança exercitar a leitura diariamente, de forma agradável, compreensiva e confortável; o gosto pela leitura não é despertado por motivos externos, ele é interno, já vem com a pessoa ou então o gosto pela leitura será despertado se a criança tiver exemplos em casa e acesso à leitura variada.

Palavras-chave: leitura, importância, ensino, gosto, leitor.

ABSTRACT

The reflections mentioned here direct it to an analysis about the importance of the reading education - understood practical as a construction of the language act of the writer, of its direction and of its reason, in which reader and writer, supposedly, meet in a cooperating act as well the capacity of reading, of understanding, of reflecting, of interacting and of acting over the reality. The reading - essential factor for the understanding of the reality - serves to strengthen Ethical and Moral values, as well to develop the creativity in a differentiated and challenging boarding. Reading is part of life. With this, its practical must be involving and captivating to the point of generating necessity and personal satisfaction. We must provide to the students a conviviality with the reading, allowing that it fulfills its role: to widen by means of the reading of signs, the reading of the World and to privilege the reading for the acquisition of knowledge, understand how a historical-social process that promotes and enables the individual to believe that the teaching of a critical reading is a component of the awareness and development process, that will allow to the individual a more careful reflection in relation to the social acts in which is inserted. The taste for the reading will be awaked if the child exercises the daily reading, in a pleasant, comprehensive and comfortable form; the taste for the reading isn't awaked for external reasons, it is internal; it already comes with the person or then the taste for the reading will be awaked if the child will have examples at home and will have access to the varied reading.

Key-words: reading, importance, education, taste, reader

LISTA DE SIGLAS

CNEC – Campanha Nacional Escola da Comunidade

EST – Faculdades EST

FACE – Faculdade de Ciências Educacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de geografia e estatística

IDEB – Índice de desenvolvimento de Educação Básica

INEP – Instituto de Estudos e Pesquisas

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO	14
1.1 Educação no âmbito nacional	14
1.2 O cenário atual da educação no Estado da Bahia.....	16
1.3 Município de Itagibá	18
1.3.1 <i>Conhecendo suas origens</i>	18
1.3.2 <i>Localização</i>	20
1.3.3 <i>Aspectos sócio econômico, culturais e educacionais</i>	20
2 LER DE GRAÇA.....	21
2.1 Introdução	21
2.2 A história de vida	21
2.3 Vida profissional	23
3 O PROCESSO DA LEITURA	25
3.1 Considerações gerais	25
3.2 Situação atual da leitura.....	26
3.3 As concepções pedagógicas de Paulo Freire	28
4 ESCOLA E FAMÍLIA: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	31
4.1 Escola e família	31
4.2 Leitor na família.....	32
4.3 Proposta pedagógica para formar leitores	32
4.4 O fracasso da escola e da família em suas responsabilidades de formar leitores .	35
4.5 Desafios para a formação docente.....	36
5 FUNDAMENTAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA.....	38
5.1 A importância da leitura	38

5.2 Aprender a ler o mundo e letramento.....	39
5.3 O gosto pela leitura	42
5.4 Leitura interdisciplinar	44
6 LEITURA E PRÁTICA	46
6.1 A aprendizagem da leitura.....	46
6.2 Leitura e construção textual.....	48
6.3 Parâmetros para o desenvolvimento de uma boa leitura	48
6.3.1 <i>Instituir um tempo</i>	48
6.3.2 <i>Criar um espaço</i>	49
6.3.3. <i>Vivenciar demonstrações</i>	49
6.3.4. <i>Motivar o engajamento</i>	50
6.3.5. <i>Desenvolver a sensibilidade</i>	51
6.3.6. <i>Avaliando a aprendizagem da leitura</i>	51
7 LEITURA NA 4ª SÉRIE.....	53
7.1 Leitura e construção do conhecimento.....	53
7.2. Influência no ato de ler	54
7.3. Competência do leitor.....	55
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

A leitura faz parte da vida. Com isso, sua prática deve ser envolvente e cativante a ponto de gerar necessidade e satisfação pessoal. A relevância da leitura como dinâmica do ato comunicativo cresce dia-a-dia. A prática da leitura é cada vez mais destacada em sociedade como recurso eficiente para bem se comunicar, falar e escrever.

As séries iniciais trazem certa responsabilidade a respeito do desenvolvimento do hábito da leitura que, conseqüentemente, traz consigo o envolvimento nas diversas atividades escolares. São abordados contextos onde podem ser trabalhadas diversas disciplinas e direcionados conhecimentos específicos baseados em diferentes autores e, levando-se em consideração os interesses dos alunos, aliando-os e aproveitando-os aos conteúdos propostos.

O hábito da leitura desenvolvido em sala de aula é também uma continuidade da importância dada em casa a este mesmo costume – ler. Não se pode impor o hábito da leitura utilizando-se textos ou obras que não tenham identificação com os alunos, pois não haverá envolvimento dos mesmos no desenvolvimento das atividades e, portanto, perde-se o prazer pela leitura. Aquele sentido fará com que cada vez mais o aluno procure a companhia dos livros.

O gosto pela leitura pode acontecer sem que a criança esteja necessariamente na escola. Ela pode usufruir de momentos lúdicos, em sua casa, onde podem ser-lhe apresentados livros nas mais diferentes formas: bichinhos, panos, de brinquedo, de plástico para brincar na água. Estes servirão para que ela se ambiente, aprenda a manusear, a associar letras a determinadas gravuras, de onde poderá passar a uma fase de aprendizagem mais avançada e mais tranqüila, posteriormente, sem pressão, pois são objetos que lhe são familiares.

É importante considerar também neste processo as individualidades das crianças, respeitando-se a faixa etária, o sexo e o que elas desejam, para que os alunos tragam o retorno da leitura realizada. É preciso que os alunos possam optar dentro de um grupo de temas ou de

autores que lhes chamem a atenção, textos nos quais eles “entrem” na história e possam realmente tirar proveito daquilo que ali vivenciaram.

O gosto pela leitura será despertado se a criança exercitar a leitura diariamente, de forma agradável, justificando-se a escolha do assunto pela importância de posicionar a leitura como condição primeira para a efetivação do ato comunicativo, necessidade de buscar formas, maneiras de despertar o gosto pela leitura e a grande necessidade de apresentar a leitura como fonte e núcleo de muitos conhecimentos.

Diante do problema: como despertar o gosto pela leitura nos alunos na quarta série, levantou-se propostas pela pesquisa bibliográfica, que destaca que a leitura deve ser motivada internamente, a partir do interesse, da vontade e do desempenho do aluno, diante dos textos que se fundamentam na quarta série, a aprender a ler o mundo e a focalizar a leitura como atividade interdisciplinar e pela realidade dos dados coletados, junto aos professores e alunos de quarta série, conclui-se que as hipóteses levantadas no planejamento da pesquisa foram todas confirmadas. Neste contexto do educando estar no mundo, ao lado de outras pessoas a se construírem parte dele e a ver nele significados para o seu “eu”, destacam-se novos conceitos para a pedagogia de sala de aula.

Entende-se que, além da consideração oficial de que a leitura é uma estratégia de acesso ao conhecimento, também deve expressar em sua prática, uma estratégia de como ler, como ato, como atitude para despertar o gosto pela leitura. Destaca-se que as estratégias de leitura devem ser agradáveis e atraentes a ponto de conquistar o interesse e desenvolver o gosto do educando.

Salienta-se que ler o mundo é ler em escritos reais, que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma abordagem de um jornal, um panfleto, etc. No momento em que se precisa realmente deles, numa determinada situação de vida, pela leitura serão acessadas, se a criança exercitar a leitura diariamente, de forma agradável, compreensiva e confortável.

Com isso, a autora quer dizer que a leitura deve ser praticada na mesma linha da leitura de mundo, isto é, a mais prática possível e profundamente interligada com a vida e a realidade.

Nosso trabalho terá a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, aborda-se sobre a contextualização da educação. Vamos fazer uma síntese sobre a educação no nosso estado, nosso município, sua história educacional, política, econômica e social. No segundo capítulo,

trata-se do ler gratuitamente. Vou contar a história da minha vida social e profissional. No terceiro capítulo, fazem-se considerações gerais sobre o processo da leitura, a situação atual da leitura e as concepções pedagógicas de Paulo Freire. O quarto capítulo refere-se à escola, à família e aos elementos fundamentais para a formação do leitor. No quinto capítulo, aborda-se a fundamentação do gosto pela leitura. No sexto capítulo, relata-se sobre a leitura e a prática. No sétimo capítulo, relata-se sobre a leitura na 4ª série.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

1.1 Educação no âmbito nacional

Este trabalho busca caracterizar o contexto sócio-econômico das perspectivas da educação no Brasil, no estado e no município, e a influência que a leitura estabelece neste contexto. Para tanto, recorre-se à pesquisa bibliográfica.

Diante da realidade sócio-econômica e política da sociedade atual, constata-se uma grande desigualdade social e econômica, ficando bem distintas as classes sociais: a classe dominadora, que sempre foi controlada por elites sobrepujantes e incapazes de identificar um direito efetivo de cidadania à classe submetida e dependente, e os pobres.

Diante de uma sociedade neoliberal que visa o lucro ou a valorização do ter em relação ao ser, percebe-se distintamente que tudo gira para que a minoria dominante, que detém maior poder econômico, cada vez mais se aproprie e aumente seus lucros. Por outro lado, percebemos um número muito grande de famílias que vivem com rendimento restrito, mal dando para a sobrevivência, sendo obrigadas desde cedo a exigir de seus filhos a contribuição para a complementação da renda familiar, deixando de introduzi-los no mundo da cultura por meio da educação.

A escola, na forma que está organizada, reproduz uma educação elitista, tendo por objetivo atender aos interesses intrínsecos da classe dominante, enquanto a massa trabalhadora, com baixo nível cultural, permanece ligada à pobreza e à miséria, provocando uma não-consciência e incapacidade de reivindicar e fazer valer seus direitos.

Também não poderíamos deixar de mencionar outros fatores que interferem diretamente para que a cultura, e, dentro dela, a leitura, não seja colocada como ponto primordial da grande maioria da população brasileira, tais como: a má distribuição de renda e da terra - ligadas à concentração de poder e riqueza, o baixo nível cultural por parte dos pais,

a pobreza, a miséria, a fome, o desemprego, saúde, habitação e desvalorização do ser humano em virtude do grande avanço científico e tecnológico. Com tudo isso, ocorre um desequilíbrio profundo entre o dinamismo de absorção por parte dos três setores da sociedade: o social, o político e o econômico.

Para tanto, a educação não deve ser privilégio. Ela deve ser um compromisso social. O grande problema da educação como um todo é que ela diz formar pessoas para serem capazes de enfrentar a vida. Porém, na verdade, a educação vai fazendo uma seleção, incluindo alguns e excluindo a maioria.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, nos diferentes estados e municípios brasileiros, apresentam aspectos comuns quanto a sua organização, porque são todas regidas pelos mesmos dispositivos. Um de seus artigos nos diz que todos têm direito a esta educação, independente de classe, credo religioso ou poder econômico. “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.¹

O Brasil é constituído por milhões de pessoas que sequer conhecem que a lei existe. Quanto menos instruídas, muito mais dependentes se tornam. Nosso país possui um modelo de educação que veio para beneficiar indiretamente uma minoria da população, já privilegiada, perpassando uma imagem de qualidade, tendo por parâmetro uma educação utilitarista, mercantil, voltada apenas para preparar mão-de-obra para o trabalho ou para aprovar no vestibular.

Afirma-se que o Brasil é um país democrático. Para tanto, somos levados a refletir sobre alguns pressupostos: é possível dizer que a escola prepara para a democracia? Sabemos que, para haver democracia, é necessário ter cidadãos conscientes. A democracia pressupõe participação e diálogo, que não são feitos por decreto, são construções coletivas, resultantes de ações concretas dos atores que compõem o cenário das comunidades escolares. Vê-se uma tendência de fazer da escola um local de autoritarismo, onde a maior preocupação é a ordem e a obediência, obediência essa que indiretamente nos é imposta dentro de uma sociedade elitizada.

¹ BRASIL, Congresso Nacional. **Lei n. 9394**, 20 dez. 1996. Brasília, 1996. Art. 22.

Por mais que se tente quebrar as correntes que nos amarram a esta falsa democracia - tão consolidada em nós - e quando pensamos que somos democratas, vemos que nossas atitudes e nossas ações são nada mais nada menos que falta de democracia, e traduzem o que querem que sejamos: subordinados.

A conclusão, certamente, não é animadora, pois percebemos mais uma vez que as novas propostas e leis não partiram dos anseios e necessidades da maior parte da população. Não sendo ela consultada na elaboração das mesmas, não foram contempladas as necessidades e muito pouco diminui a aculturação do povo marginalizado.

1.2 O cenário atual da educação no Estado da Bahia

A proposta pedagógica *Uma escola de todos nós* define princípios e eixos para a educação na Bahia, no período de 2007 a 2010. São os referenciais éticos e políticos dos compromissos, da forma de ver a educação, da prática. É o “olhar” do Governo sobre a Educação. Traduz, também, o pensamento e o compromisso do Governo, que entende a educação como base para mudanças sociais e, por isso, colocou-a entre os pilares centrais de sua gestão.

Dados oficiais comprovam uma série de deficiências na educação do Estado da Bahia, evidenciando a necessidade de muito investimento e de uma ampla mobilização para desencadear um processo sustentável de avanços sociais. Não há como se pensar, por exemplo, em mudanças sociais e exercício de cidadania com a persistência dos índices atuais de analfabetismo e de desemprego, variáveis altamente correlacionadas entre si e com a pobreza.

A Bahia, segundo dados do IBGE,² apresenta taxa de 18,8% de analfabetismo da população acima de 15 anos, o que corresponde a mais de dois milhões de baianos que não sabem ler nem escrever. Se considerada a população de 25 a 49 anos, o índice é de 16,1%, chegando a 42,7% na população acima de 50 anos. Esses dados são superiores à taxa nacional de analfabetismo e próximos à taxa da região Nordeste - 10,9 e 21,9%, respectivamente. Além disso, a taxa de analfabetismo da população na zona rural é uma das mais altas do país: 31,6%. Se levado em conta o analfabetismo funcional,³ o percentual da Bahia chega a 39,2%.

² INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. 2005.

³ O analfabetismo funcional se refere a pessoas com menos de quatro séries concluídas com aprovação.

Um quadro que aponta para a existência de problemas quanto a oportunidades de acesso à educação e quanto à permanência dos estudantes na escola.

Em relação à permanência, é preciso considerar os percentuais de abandono e o fluxo escolar. Os índices de abandono sofreram pequena variação nos últimos 10 anos, persistindo próximos dos 20%. Este percentual tem influência na taxa de escolaridade da população e, também, nos índices de distorção idade-série em casos de abandono temporário. A rede estadual possui índices de distorção idade-série que estão entre os mais elevados do país, tanto no Ensino Fundamental - 49,5% - quanto no Ensino Médio - 69,8%.

Há, pois, claros indícios de que a cultura da reprovação ainda é muito arraigada em nossas escolas, levando as crianças e os jovens a repetências sucessivas. Este e/ou outros motivos levam as crianças a abandonar os estudos, provisória ou definitivamente.

Associando o desempenho dos estudantes em exames padronizados - SAEB e Prova Brasil - com os dados sobre o fluxo escolar, o INEP criou, em 2006, e divulgou, em 2007, o índice de desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, um indicador de resultados que possibilitou a comparação entre regiões, estados, redes - municipal, estadual e federal - e escolas. Com os problemas de fluxo anteriormente apontados, e com o baixo desempenho nos exames de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, não é de surpreender que a Bahia tenha ocupado a 25ª posição no IDEB, em comparação com os demais Estados e o Distrito Federal. Entre os 1.242 municípios brasileiros com mais baixo IDEB, 211 encontram-se na Bahia.

O panorama descrito é preocupante. Todos sabem que uma educação deficiente nos níveis observados compromete a dignidade humana, a qualidade de vida, a sustentabilidade social e a competitividade da economia, por conta dos obstáculos que representam ao desenvolvimento do Estado. Fica evidenciado que o direito à educação – acesso e permanência, com aprendizagem – não está assegurado na Bahia. Reverter este quadro é o nosso grande desafio!

É necessário considerar quais os processos efetivos que levaram a educação baiana a esse cenário desalentador, comprovado com os dados estatísticos. No mesmo contexto em que resultados tão preocupantes foram construídos, homens e mulheres tiveram a coragem e a ousadia de fazer diferente e de querer que a educação baiana fosse escrita de outra maneira. O reconhecimento, a disseminação e a consolidação dessas experiências por meio de políticas

públicas serão, pois, caminhos a ser trilhados na construção da proposta pedagógica *Uma escola de todos nós*.

Merece atenção, quando se trata de identificar os aspectos positivos da educação baiana hoje, o número de docentes com nível superior na rede estadual de ensino. Apenas 30,75% possuem formação de nível médio, sendo que, deste contingente, um número bastante significativo está inserido em programas de formação de nível superior oferecidos pela Secretaria da Educação ou cursam graduação por iniciativa própria, em universidades públicas ou privadas.

Também é importante ressaltar o quanto tem sido significativo o papel das universidades estaduais na formação do povo baiano e sua contribuição para que seja assegurado o direito à educação. O que nos traz a esperança é contar com a energia criativa do povo baiano para a construção de uma educação de qualidade. Isso dá o tom e as cores da proposta pedagógica *Uma escola de todos nós* e alimenta a utopia de que, juntos, podemos construir uma educação em que indivíduos e coletividade aprendam e desenvolvam o respeito a si próprio, aos outros e, sobretudo, tenham assegurados os seus direitos fundamentais.

Para assegurar o acesso à educação e a permanência na escola com dignidade é necessário fortalecer as relações entre o Governo e a sociedade, potencializar a relação entre Educação Básica e Educação Superior, ampliar parcerias interinstitucionais e intensificar o regime de colaboração entre o Estado e os municípios, a fim de assegurar um amplo acesso à educação, sobretudo dos coletivos sociais historicamente excluídos e, para ter efetividade social, a gestão deve satisfazer as necessidades e os desejos da sociedade, porque a fragilidade das políticas públicas estaduais no campo da educação profissional tem sido uma realidade visível na Bahia no decorrer das últimas décadas.

1.3 Município de Itagibá

1.3.1 Conhecendo suas origens

O município de Itagibá possui uma terra fértil, florestal, inicialmente habitada por índios Tupi-Guaranis. Depois, tomou aspecto de uma fazenda, transformando-a em Povoado com vários moradores. O primeiro desbravador foi Martins Ribeiro, em 1927, sendo que, daí por diante, aumentou o número de moradores e construções de casas humildes. Este povoado

pertencia ao município de Boa Nova e recebeu o nome de Distampina por seu aspecto físico aberto, destampado e arejado.

Após a Revolução de 1930, houve litígio - disputa - entre Boa Nova e Itacaré, sendo que Distampina passou a pertencer a Itacaré. O Cangaço, naquele tempo, teve livre curso, sendo Distampina verdadeiro palco de cenas deprimentes, praticadas por bandoleiros que viviam sob a tutela dos afortunados Coronéis - título dado aos afortunados donos de fazendas. Pouco tempo depois, houve outro litígio entre Itacaré e Itapira - hoje Ubaitaba, onde Distampina passou para o domínio de Itapira, sufocando terminantemente o cangaço. Para conseguir que Distampina fosse reincorporada ao Município de Boa Nova, houve o esforço abnegado de alguns habitantes. E, no dia 25 novembro de 1935, foi transformada em distrito de Paz, sob o domínio do Município de Boa Nova.

Com o crescimento da população, mais tarde o Distrito teve a sorte de receber o primeiro médico, Dr. Noé Bonfim, e sua esposa, primeira professora formada, Noemia Bonfim, que por muito tempo aqui passaram, dedicando-se à saúde e à educação. Assim, permaneceu o nome de Distampina por 12 anos: de 1935 a 1947. Em 25 de maio de 1947, o Dr. Odorico Mota Silveira, prefeito interventor de Boa Nova, mudou o nome de Distampina para Itagibá, que em Tupi-Guarani significa Pedra-Forte, ou seja, Pedra Dura.

Com a mudança de nome, Itagibá começou a crescer e, com o crescimento, veio o sonho de sua emancipação política, fato que se encaminhou no dia 26 de agosto de 1947, sob a liderança dos senhores José Carlos de Almeida, Juvenal Almeida Sampaio e outros, que através de um Memorial abaixo-assinado, dirigido aos Deputados Josaphá Marinho, Osvaldo Pinto de Carvalho e Osias Maron, tentavam alcançar os seus objetivos.

A luta não parou e surgiram outros políticos influentes da época, como os senhores Hélio Vaz de Quadros e Walter Lomanto que, como vereadores nesse Distrito, representando Boa Nova, encaminharam o Projeto de Emancipação para a Câmara de Vereadores daquela cidade, onde foi aprovado por unanimidade de votos. Era prefeito de Boa Nova o Sr. Landualdo Magalhães Silveira.

Aprovado o Projeto pela Câmara de Vereadores, foi encaminhado para a Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, sendo apresentado e defendido pelo Deputado Lomanto Júnior. Finalmente, no dia 14 de agosto de 1958, por força da Lei Estadual n. 1020, Itagibá atingiu o seu objetivo maior, sua Emancipação Política, sonho que se transformou em realidade, passando a ser livre e independente e a dirigir o seu próprio destino. A referida Lei

foi sancionada e promulgada pelo então Governador do Estado da Bahia, Dr. Antonio Balbino. O primeiro prefeito municipal foi o Sr. José Fernandes, que instalou o Governo no dia 22 de abril de 1959.

1.3.2 Localização

Itagibá está localizado na mesoregião sul-baiana, na Microrregião Ilhéus-Itabuna. Possui uma área de 813km², limitando-se ao Norte com os municípios de Ipiaú e Aiquara, ao Sul com Ibicuí e Dário Meira, ao Leste com Gongogi e ao Oeste com Itagi.

Sua população é de 18.000 habitantes aproximadamente, conforme estimativa do último censo.⁴ Possui um clima tropical quente e úmido no interior, com índice pluviométrico de 600mm³ e uma umidade relativa de 70%. Devido ao desmatamento, a vegetação predominante em nosso município é do tipo menos densa, voltada para pastagem.⁵

1.3.3 Aspectos sócio econômico, culturais e educacionais

A base da economia de Itagibá é a pecuária, essencialmente o gado bovino, e na agricultura, o cacau. Atualmente, a população bovina é de 42.600 cabeças⁶ e a produção cacaueteira é de 80.000 arrobas. Em menor escala, culturas de subsistência como a mandioca, o milho e o feijão. O comércio restringe-se a alguns estabelecimentos comerciais, uma agência bancária e indústrias manufatureiras como fabricação de móveis, tijolos, blocos, telhas, etc.

O Sistema Municipal de Ensino responde por 30 unidades escolares de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries, quatro unidades de 5ª a 8ª séries, com um total de 3.873 alunos, uma escola de Ensino Médio com 680 alunos e uma unidade da Faculdade de Ciências Educacionais - FACE, com 180 alunos.

Cidade de Itagibá: “nome doce de falar”; “terra boa pra morar”. Terra da felicidade, impossível contar toda sua beleza, sua riqueza e seu dinamismo nestas poucas linhas escritas que compõem este trabalho, é claro que muito tem a ser dito sobre o seu papel histórico, cultural e econômico para o Estado da Bahia, para o Nordeste e para o Brasil.

⁴ INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. IBGE, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Último acesso em 28 nov. 2008.

⁵ RÉGIS, Sandro. **Itagibá completou 49 anos de emancipação**. Disponível em: <http://www.liderancadaoposicao.ba.gov.br/agenciaMateria_completa.cfm?identificador=129>. Último acesso em 28 nov. 2008.

⁶ INSTITUTO, 2000.

2 LER DE GRAÇA

2.1 Introdução

O perfil referencial de fatos históricos cadencia elementos essenciais no progresso de nossa vida. Fazemos parte de um mundo seletivo onde cada ser expressa o melhor de si. Aqui está o percurso histórico da minha vida. Todos estes fatos credenciam o meu eu, como pessoa capaz de construir novos ideais, buscar novos rumos, ir de encontro ao pretendido sonho, na busca constante de novos conhecimentos, pois sabemos que o saber é uma eterna busca. E é nesta busca que norteia minha trajetória.

2.2 A história de vida

Eu sou Maria das Graças Queiroz Almeida, filha de Paulo Bispo de Queiroz, oficial da Polícia Militar da Bahia, e Eudete Silva de Queiroz, doméstica que cuidava dos onze filhos. Nascida em Salvador, capital do Estado da Bahia, sou viúva, moro na Rua Chile, número 10, município de Itagibá, localizado na mesoregião sul-baiana, na Microrregião Ilhéus-Itabuna.

Meu pai, como exercia a função de Delegado Especial da Polícia Militar, vivia mudando de seis em seis meses, nas cidades do interior da Bahia, e carregava a família toda. Nós que estudávamos íamos percorrendo as escolas das cidades em que sua profissão exigia. Então assim seguíamos nossos estudos, às vezes passando com dificuldades, pois não conseguíamos adquirir uma aprendizagem firme. Creio eu hoje que as professoras das cidades onde morávamos tinham pena daquelas crianças, filhos e filhas daquele policial, que pareciam ciganos, pois não possuíam morada fixa. Mesmo assim, dos onze filhos, apenas três não concluíram o Ensino Médio: seis concluíram o Ensino Médio, tornando-se professores; três concluíram o Ensino Superior: um advogado, uma teóloga e uma pedagoga, que sou eu.

As condições financeiras não eram muito boas, pois me lembro de que só poderíamos ter duas roupas novas durante o ano, que era uma em junho e uma em dezembro. Também um ia aproveitando a roupa que ficava apertada para o outro, mas não ficou ninguém com seqüelas por ter tido uma vida de pessoa menos favorecida.

Estudar tinha um significado diferente, sobretudo para as mulheres. Não havia um propósito definido de um futuro profissional, mas apenas de educar-se. Era esse o objetivo: “Vai para a escola para ser gente”, como se dizia no meu tempo. A professora tinha o dever de ser a mãe e tinha quase que a mesma autoridade, disciplinava em todos os sentidos, desde o ensino de bons modos, da maneira de sentar, do falar, do tratamento com os livros, até interferir na nossa vida pessoal, com direito a punições: ficar de joelhos, palmatória, etc.

Havia também uma extrema confiança da família para com o educador, o que ele fizesse era bem feito. A escola era a extensão do lar. O carinho e o cuidado eram presentes. Aprender era importante para ser educada e não para ir para a faculdade, pois esse era um atrevimento que só cabia aos meninos. O destino das mulheres, no máximo, era ser professora e constituir família.

Quando iniciei a minha vida escolar, pouca importância era dada à educação. Iniciei a minha vida escolar aos seis anos de idade, na cidade de Itapetinga, interior da Bahia. O método utilizado era o tradicional: conhecer e escrever primeiro as letras do alfabeto e os números, através de cópias, cobrir textos, leituras das letras, ABC no caderno e tomar tabuada. Após ter-se trabalhado todas as letras e os números, partia-se para leitura de sílabas e, depois, para a formação de palavras, frases e a leitura de textos pequenos. Assim estudei as primeiras séries.

Depois, fiz a primeira série e ainda tinha que vencer o quinto ano para passar para a 5ª série. Era um martírio fazer a avaliação do quinto ano com provas orais e escritas. Não fui uma boa aluna, pois também não frequentei boas escolas. Mesmo assim, fui seguindo até chegar à 8ª série. O meu Ensino Médio foi feito em duas cidades, esta que atualmente moro e Vitória da Conquista, onde morei pela última vez quando solteira.

Casei com um rapaz deste município onde moro, o qual se chamava José Landualdo Almeida Silva. Casamos e fomos felizes juntos. O casamento durou trinta anos, mas Deus planejou a vida dele até 02 de dezembro de 2005, quando foi encerrada sua história, vindo a falecer. Juntos, construímos uma família com três filhos: Fernanda Queiroz Almeida, formada em Ciências Contábeis, casada, mora em Itagibá; Paula Queiroz Almeida, Bióloga, casada,

com uma filha chamada Larissa, mora em Manaus; e Marlus Queiroz Almeida, solteiro, estudante de Biologia, mora em Manaus. Somos felizes, e temos o planejamento de construir uma família maior. Estamos esperando uma oportunidade para a chegada de mais filhos.

2.3 Vida profissional

Quando casei, vim morar em Itagibá, cidade onde resido até hoje. Cheguei aqui formada em magistério e fui logo convidada para ensinar, tendo minha primeira experiência no pré-primário. Depois, fui passando por todas as séries iniciais e atuei também de 5ª a 8ª séries, como professora de Educação Moral e Cívica, Geografia, Ciências, História, Português e outras. Fui convidada para ensinar no Ensino Médio em uma escola da comunidade chamada CNEC, onde lecionei Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, Didática e as Metodologias. Sempre em cidades pequenas, os professores são escolhidos para assumir cargos. Então, fui escolhida para organizar um Colégio Municipal de 5ª a 8ª séries, onde tinha 1.312 alunos, era uma escola de qualidade. Depois de 10 anos sendo Diretora, outro prefeito me designou para fazer abertura em um povoado do município de Itagibá, fui e organizei uma escola de pequeno porte com 512 alunos, considerada escola de qualidade.

Fiz o curso de Pedagogia, depois fiz uma Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior e almejava estudar mais quando eu soube do Mestrado da Faculdade EST - Escola Superior de Teologia - onde estou terminando o Mestrado em Teologia, com ênfase em Educação Comunitária com Infância e Juventude. Como atuei estes tempos todos em escolas do município e, vendo de perto o problema da deficiência da leitura de 1ª a 4ª séries, criei a curiosidade para pesquisar sobre: *A construção do gosto pela leitura*. Sei que não é fácil, mas a minha pesquisa não vai ficar parada, estou com uns projetos para serem escritos sobre a leitura, colocando assim uma biblioteca itinerante em vários lugares da cidade.

Observa-se, em relação à leitura, que os currículos ensinados nas escolas vêm dando pouca atenção ao desenvolvimento básico de aprendizagem da leitura. Uma das mais importantes controvérsias em educação é saber se a educação adequada é a que ensina a ler ou a que ensina o que ler.

A leitura é de fundamental importância no desenvolvimento da criança que, desde cedo, *a priori*, é aguçada o gosto pelo prazer de ler. Desta forma, enfatizo minha escolha pelo tema da pesquisa citada anteriormente. Nortear o gosto pela leitura é promover a integridade lógica e intelectual do aluno, desde as séries iniciais, notadamente quando adquire a

ampliação do vocabulário. Uma leitura adequada é sempre uma leitura com compreensão e uma leitura crítica.

3 O PROCESSO DA LEITURA

3.1 Considerações gerais

A leitura é uma atividade complexa, exige domínio de processos e normas de decodificação, prática e interação dos vários signos, articulação dos significados da língua em geral com o sentido particular que lhe dá o contexto, além de conhecimento de mundo. Essa complexidade espelha as constantes reações do espírito, pois os pensamentos escapam muito facilmente da mente, as idéias nem sempre se configuram com clareza e as imagens surgem com um dinamismo dificilmente controlável.

O desenvolvimento das ciências da linguagem tem evidenciado que os processos de escrita ou de leitura dos vários e diversificados signos dos meios de comunicação exigem atividades cognitivas, cuja interação nada mais é que essa constante busca da ordem para nos proteger do caos. Acredite-se, entretanto, que para tal interação constitua uma busca pertinente é necessário neutralizar a complexidade do ato de ler, ou seja, criar um mínimo de regras cuja observação pode auxiliar na determinação da ordem que se deseja, como forma de se desorganizar conhecimentos.

Pode-se então dizer que a leitura se identifica com decodificação e leitor, com alfabetizado – embora o caminho percorrido pelo leitor eficiente seja diverso do caminho proposto pelo processo de alfabetização. Neste caso, tirava-se proveito de uma das características dos sistemas alfabéticos: certo paralelismo entre a língua oral e a língua escrita. Ao final do processo de alfabetização, a criança se encontrava de posse de um mecanismo pouco confiável, que lhe permitia um aceso precário ao mundo da escrita. Na maior parte das vezes, ela passava a escrever como falava e também a dizer tudo o que está escrito.

Nesse comportamento, uma vez que o leitor utiliza a fala como mediação entre a escrita e o significado, o ato de ler tem como limite o ritmo e a linearidade do oral. E esse limite é estreito, mas foi considerado suficiente durante certo período, desde que se tratava de

introduzir a população trabalhadora em um novo sistema produtivo e social que exigia, pelo menos, essa condição. Entretanto, esse comportamento mudou, desfazendo aquelas identificações: ler não é mais decodificar e o leitor não é mais o alfabetizado.

3.2 Situação atual da leitura

A maior necessidade e a maior oportunidade de acesso às informações através do texto escrito promoveram uma mutação no processo de leitura. Daí configurar-se hoje uma situação de crise da escola. Juntamente com as conquistas das classes populares, que almejavam e conquistaram o direito à educação, provocando a chamada mudança de clientela da escola pública, outro fator interveio, questionando as premissas da concepção de aprendizagem da leitura: era preciso formar leitores eficazes. Aquele mecanismo secularmente adotado pela escola para possibilitar todas as condições mínimas de acesso ao material escrito se revelou insuficiente diante da multiplicidade de situações que implicam o uso da escrita. Cada vez mais, a escrita colocou-se como obstáculo à participação efetiva do cidadão no mundo social, demonstrando, no cotidiano, a utilidade de saber ler.

Além da maior necessidade social de leitura, estabelece-se também uma maior necessidade escolar de acesso ao texto impresso; os textos dos livros didáticos das disciplinas das séries mais avançadas são complexos diante do dispositivo rudimentar desenvolvido por leitores alfabetizados, habituados a sonorizar a escrita; a eficácia do dispositivo ensinado pela escola para promover o acesso às informações através do texto escrito passa a ser questionada.

Frente a esta situação, a Psicolinguística aponta alternativas, estabelecendo parâmetros novos para uma análise crítica do modelo de leitura mais adequado à situação emergente. A Psicolinguística retomou a questão, deslocando o problema da análise da língua que se lê para uma análise do ato de ler. Desta forma, a língua – enquanto objeto de descrição e análise – cedeu lugar às investigações da interação entre o leitor e o texto.

A Psicolinguística focaliza o comportamento do leitor no ato de ler – o que faz o leitor quando lê, centrando suas contribuições na descrição e na análise da natureza desse comportamento: na análise dos dispositivos e das estratégias colocados em ação pelo leitor para atribuir significado ao texto escrito; na descrição do funcionamento da língua escrita, enquanto objeto de uso – para ler.

A contribuição da Psicolinguística impõe uma questão-chave para a superação dos problemas da leitura no mundo atual: será que a formação do leitor é um prolongamento do

processo de alfabetização? Seria conveniente iniciar o processo de formação do leitor adotando um processo que visa criar um hábito no aprendiz – a sonorização da escrita – que não faz parte do comportamento final do leitor eficaz? Ou seriam esses comportamentos intransigentemente opostos?

A escrita social, com caracteres e funções diferentes, propicia leituras diversificadas. Não se lê da mesma maneira um folheto de divulgação, uma receita culinária ou um livro de literatura. Lançamos mão de estratégias de leitura diferentes para apreender as informações contidas nos diferentes textos, e o nosso interesse nas informações e o objetivo desejado vão determinar o tipo de leitura a ser feito. Esta flexibilidade de atenção às várias formas de ler para aprender o sentido dos textos é fundamental para a adaptação do ser humano.

A habilidade exclusiva desenvolvida pelo ensino escolar da leitura – a transformação do escrito no oral – supostamente utilizada em qualquer das situações de leitura com que se defronta o leitor no seu dia-a-dia, foi ultrapassada por um conjunto de estratégias diversificadas, adequadas a cada uma das situações sociais do leitor. O que caracteriza então o leitor moderno é a flexibilidade no ato de ler.

A noção de flexibilidade no ato de ler refere-se à capacidade de variar uma ou mais estratégias de leitura, de maneira a atender melhor a uma variedade de objetivos do leitor diante de diferentes gêneros de textos. Uma situação de leitura representa um equilíbrio específico e momentâneo entre o leitor, seus objetivos do momento e o texto escrito. Não existem, portanto, componentes fixos e imutáveis na leitura, nem uma só maneira de ler que é a melhor em todos os casos.

Existe uma variedade de leitura multiforme adaptada a intencionalidades diversas, cada uma representando a melhor resposta a uma determinada situação de leitura. Para satisfazer sua curiosidade, responder às questões que a vida lhe coloca, concretizar projetos, informar-se para decidir, usufruir do prazer estético ou vaguear pelo imaginário, o leitor deve mobilizar dispositivos eficazes, adaptados às suas intencionalidades.

A escola não tem levado em conta a existência desta escrita diversificada e a evolução das diversas modalidades de leitura. Ao contrário, a escola continua se preocupando exclusivamente com um modelo imutável de leitura, voltada somente à escrita dos livros, à escrita literária. É como se continuássemos vivendo com a escrita encerrada nos mosteiros e não presente na rua, nas lojas, em nossas casas.

É inconcebível imaginar que só se possa ler um cartaz, uma revista ou um cardápio depois de se aprender a ler. Na verdade, esta concepção exclui do processo de aprendizagem exatamente as situações para as quais esta aprendizagem é fundamental.

É importante notar que, mesmo num mundo onde grande parte da comunicação se faz através do rádio e da televisão, a escrita encontra seu lugar e seu papel dentro da circulação de idéias. A escrita respeita sempre a liberdade e o interesse do leitor pela informação. Tem a vantagem do livre arbítrio e do exercício do espírito crítico, porque permite verificação e confrontação. Pode-se dizer que a fala e a imagem se impõem, enquanto a escrita se propõe. Pode-se ler com mais cuidado e detalhe as notícias que mais nos chamam a atenção no jornal da TV na noite anterior. É a leitura que nos permite ver de modo mais crítico as imagens da televisão.

3.3 As concepções pedagógicas de Paulo Freire

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal intimidade entre nós [...] na verdade, aquele mundo especial se dava a mim, como o mundo da minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo das minhas primeiras leituras [...] Daquele contexto – do meu mundo imediato fazia parte, por outro lado o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças. Os seus receios, os seus valores.⁷

De acordo as concepções de Paulo Freire, a leitura deve partir da realidade e, para tanto, precisamos, como educadores, inserir-nos no contexto dos nossos educandos, não somente para conhecer a realidade social, econômica, política, mas como experimentam e humanamente vivem essa realidade. Toda a ação educativa e toda a aprendizagem adquirida pelo educando devem partir de ações por ele vivenciadas, em trocas recíprocas de conhecimentos de como se vê, pensa a si e se faz, para assim formar as aprendizagens que não se constroem partindo do educador, mas sim numa troca constante de idéias e concepções que já são conhecimentos adquiridos pelo educando.

Não começamos a construir nossa educação na escola. Isso acontece ao longo de nossos dias e começa até mesmo antes do nosso nascimento. Quando buscamos uma aprendizagem, partindo do conhecido por nós, torna-se fácil, pois está dentro do nosso mundo, já temos assimilado alguns conceitos básicos fundamentais que vão nos auxiliar no

⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Histórias do menino que lia o mundo**. 2. ed. Veranópolis: ITERRA, 2001. p. 10.

aperfeiçoamento das noções que já possuímos e na aquisição e na compreensão de novos conhecimentos.

Acho importante que nós, educadores, tenhamos presente em nossas práticas, o contexto do nosso educando. É importante saber o que ele já aprendeu, saber quais são suas habilidades e dificuldades, as coisas de que mais gosta e de que menos gosta. Conhecendo o mundo íntimo do nosso aluno, fica mais fácil trabalhar todo e qualquer assunto. Com a leitura, não deixa de ser assim. O educador, conhecendo a realidade do educando, pode com mais facilidade levá-lo a compreender os diferentes assuntos que o rodeiam, podendo, através da leitura de palavras, levantar curiosidades e mistérios para assim despertar desde cedo o gosto de ler. Freire deixa claro que a leitura deve ser trabalhada dentro da realidade e desde muito cedo.

Contudo, ensinar a ler e a ter gosto pelo que lê não é tão fácil assim. Não podemos transformar essa atividade em um processo mecânico, de repetição, de transferência, de memorização. A nossa tarefa é tornar a leitura interessante e compreensiva ao nosso aluno, o que não significa que não possamos trabalhar o que se chama de uma linguagem mais difícil.

Devemos, sim, dar condições para que essa leitura seja atrativa, apresentando instrumentos onde o educando possa buscar significação para o que lê, e com isso forme novos conceitos e melhore os que já possui. Nessa tentativa, chegaremos a uma “leitura crítica”, como chama Paulo Freire.

Desenvolver na criança, mesmo antes de freqüentar a escola, o gosto pela leitura é tarefa importante e necessária, se quisermos formar estudantes que tenham interesse em buscar, conhecer e aprender. É fundamental que o educador indique bons livros, de bons autores, que sejam audaciosos e trabalhem a linguagem em busca da “boniteza”, da simplicidade e da clareza. Nesse esforço, que deve começar desde os primeiros anos e continuar sem jamais parar, transformaremos a leitura em fonte de alegria, prazer e conhecimento. É necessário comentar também alguns aspectos sobre a pedagogia de Paulo Freire.

A Pedagogia possui muitos métodos, novos métodos, mas para Paulo Freire é a relação de gente com gente, é o estilo de cada um na arte de educar e nessa prática pedagógica é indispensável ter presente a permanente busca do ser humano de ser mais. São necessários que saberes e vivências contribuam para que educadores e educandos sejam mais e se formem na totalidade de sua condição humana.

Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa referida acima; estimular a capacidade crítica dos alfabetizando enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação do sujeito que procura conhecer com o objeto a ser conhecido. Relação que inexiste toda vez que, na prática, o alfabetizando é tomado paciente do processo, puro recipiente da palavra alfabetizador. Neste caso, então, não diz a sua palavra.⁸

Na concepção de Paulo Freire, o conhecimento deve ser construído a partir das experiências vivenciadas pelo educando de forma significativa, isto é, desenvolver o educando em todos os aspectos e atendendo às necessidades do aluno.

A prática docente atualmente em nossas escolas é contrária ao pensamento freireano, pois ainda está presente uma prática em que os docentes agem como depositantes de conteúdos. São trabalhados conteúdos de forma selecionada e ordenada. Freire sempre foi contrário a qualquer maneira de doutrinação, de depósito, de imposição. Devemos partir de um levantamento participativo dos saberes, podemos escolher temáticas ligadas ao conhecimento e às experiências existenciais do aluno.

Devemos incluí-lo na construção do processo educativo baseado na realidade, tendo como principal preocupação pedagógica possibilidades de humanização na tentativa de tornar os educandos melhores, com uma visão mais crítica, num querer ser com a preocupação central de que os saberes trabalhados contribuam para que educadores e educandos sejam mais, formem-se na totalidade da sua condição de ser humano, pois todo o saber é humano.

Assim, todo o conhecimento deve partir das experiências e vivências do educando numa ação conjunta e participativa de todos os envolvidos na construção dos saberes dessa prática educativa. Reconhecer que o educando é gente, portanto, com valores, sensibilidade e capacidade para amar. Dessa forma, toda a ação educativa deve ser também amorosa desde a infância e precisa do cuidado dos educadores, pois educar é fazer com que os seres humanos se formem, é construir um projeto de humanidade para todas as fases da vida humana – infância, adolescência, juventude e idade adulta – pois a razão da educação está na consciência da inclusão. Como mestres, nosso dever é dar a mão a cada educando na busca da formação, no sentido de orientar para que venha a ser alguém. O importante nessa caminhada é que também o educador, o mestre, precisa de alguém porque tem a obrigação de ser mais e devemos estar abertos no sentido de melhorar nossa relação pedagógica e, assim, adequar os conhecimentos de forma humana, social e cultural.

⁸ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1986. p. 78.

4 ESCOLA E FAMÍLIA: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

4.1 Escola e família

A escola e a família são elementos básicos para a orientação de leitores críticos. Ao estabelecermos uma relação entre a família, a escola e a sociedade, onde todos falam a mesma língua sobre a leitura, isto é, fazem da leitura uma atividade cotidiana, fazem do livro um objeto da casa, da rotina da família, dando exemplo, lendo junto, onde o prazer de ler vire um instrumento de estudo e pesquisa e os pais e professores funcionem como faróis que iluminem a leitura de qualidade para conseguirmos resultados positivos, “pessoas leitoras”.

Estamos vivendo um período de desarmonia, desestruturação familiar, inversão de valores, baixos salários, jornada de trabalho opressiva, desemprego, despreparo, falta de material, preços baixos dos produtos, pobreza... Tais motivos, entre tantos, provocam a crise escolar e a falta de preparo pedagógico, em virtude das novas exigências socioculturais, provocando em nós a necessidade da busca de uma proposta de mudança através da união entre professores, alunos e famílias.

Para superar este desequilíbrio e esta crise, precisamos promover a afetividade, o diálogo, o olhar, a dedicação, a honestidade, a adequação, a crítica, a integração, a inclusão, o comprometimento, o assumir-se, o trabalho em equipe, a solidariedade e a democracia.

A escola está vinculada a um sistema educacional coerente com o poder. Ao analisar a importância do ato de ler, a família deve trabalhar junto para que a leitura se concretize. É importante que o professor procure criar em sua sala de aula um circuito de leitura: lendo, contando histórias, estimulando a troca de livros, reservando um tempo para ler em classe, trazendo resenhas de livros infantis, abrindo o espaço para a escolha, pelo aluno, do que ele quer ler, propondo textos correlacionados aos interesses do grupo, etc. Enfim, criando ofertas múltiplas, a escola proporciona, desse modo, uma imersão ao mundo da leitura e oferece

condições para que a leitura se torne uma prática interdisciplinar. Ler e escrever são práticas que fazem parte do nosso crescimento e do nosso processo de autonomia.

4.2 Leitor na família

A criança não aprende através da instrução, ela aprende através do exemplo. O processo para formar um leitor começa muito antes da alfabetização, nos primeiros meses de vida. Uma criança aprende ouvindo as conversas da sua mãe e do seu pai, das fábulas narradas ao pé da cama, das músicas cantadas em família, dos contos, dos fatos relacionados a sua família das histórias antigas. Nesta convivência, ela aprende a se situar no mundo através das distribuições de significados dados às pessoas, aos objetos e às situações presentes no seu ambiente familiar, podendo assim perceber e assimilar o valor e a função social do ato de ler para que, movida pela curiosidade, possa exercer este ato na sua vida.

Todas as crianças por serem descendentes da espécie humana possuem um potencial funcional (biológico e psíquico) para ler o mundo bem como os diferentes tipos de símbolos que expressam o mundo. Esse potencial desponta, em termos de conhecimento e ação, a partir do momento em que a criança recebe estímulos sócio-ambientais, dentro de relações familiares e sociais específicas. Assim a gênese de dicotomias como “ler x não ler”, “gostar de ler x não gostar de ler”, “atitude positiva x atitude negativa frente à leitura”, “ler mais x ler menos”, etc. depende fundamentalmente das incitações do meio sócio-cultural (família, escola e sociedade), isto é, da quantidade e qualidade dos estímulos encontrados no meio onde vive a criança e das relações que ela trava com esses estímulos leitores, livros e situações de leitura.⁹

Percebemos, diante de tal colocação, que o poder aquisitivo tem seu valor frente à literatura. Num ambiente onde existem diversidades de livros, tempo disponível para ler e discutir com os outros membros da família, envolvendo o adulto e a criança, o resultado é ótimo. Mas sabemos que a nossa realidade brasileira está longe disso, pois um grande número de famílias vive com um rendimento restrito, mal dando para a sobrevivência, sendo obrigados, desde cedo, a exigir de seus filhos a contribuição para a complementação da renda familiar, deixando de introduzi-los no mundo da cultura.

4.3 Proposta pedagógica para formar leitores

Para que se empreenda qualquer busca em vista de uma melhoria em qualquer campo, é fundamental reconhecer a importância e a necessidade de ir ao encontro do que se

⁹ SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura e realidade brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 57.

quer definir, rever o que se fez e ter uma visão clara do que está feito. Esta é uma prática para não se perder no meio do caminho ou arriscar perder tempo e, pior ainda, não ganhar nada.

O trabalho de leitura na biblioteca pode ser organizado de diferentes maneiras: por faixa etária, por projetos de série, por necessidades específicas ou por outros critérios. Uma excelente idéia consiste em dedicar um período a certos temas ou a certas necessidades: semana de contos da fada, de folclore, de mitologia, de lendas, de contos de outros países ou de crônicas. Pode-se preparar uma ambientação adequada para cada assunto, aguçando a curiosidade dos alunos e mobilizando suas emoções. Por exemplo, em uma eventual Semana de Contos Africanos, vale a pena conversar, mostrar imagens e ouvir músicas relacionadas com a África, falando da e dos costumes do continente. Assuntos como contos de fada, folclore, mitologia, romances de cavalaria, histórias de humor ou grandes clássicos criam boas ocasiões para ambientações fantasiosas. Os empréstimos de livros, por sua vez, são práticas que, de certa forma, amplia o espaço da biblioteca até a casa dos alunos, fazendo da leitura uma prática cotidiana. A possibilidade de levar livros para ler em casa contribui para o desenvolvimento de atitudes e procedimentos próprios de leitores reais: responsabilidade, cuidado, desenvolvimento de critérios de seleção para optar pela obra a tomar emprestada. É sempre bom que o conteúdo do livro lido em casa seja socializado com os colegas de classe: em rodas de leitura, por exemplo, nas quais os alunos contam o que leram, o que sentiram, o que aprenderam e o que mais gostaram em sua leitura.¹⁰

Quando se fala em biblioteca, é inevitável pensar nos hábitos de leitura dos alunos. Formar bons leitores significa encontrar crianças, enfeitá-las com o poder que vem dos livros. Mas isso não pode acontecer como obrigação, muito menos com trabalhos de compreensão dos textos. A leitura é sempre um meio, nunca um fim. Por isso, na escola, ela deve ter várias funções tais como: ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar e ler para descobrir algo que deve ser feito.

Quando os alunos vão para a biblioteca, deverão encontrar um acervo variado. O professor deve ler junto com a turma e os alunos poderão escolher o que vão ler e também levar para casa. As crianças têm direito de ser livres na interpretação, para mergulharem num livro, com o mesmo prazer com que vêem um bom filme. Um bom livro lido é o melhor adubo para formar futuros leitores.

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção de intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escrever. [...] A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema da escrita, etc.

¹⁰ BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – PCN: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério de Educação, 2001. p. 42.

Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomarem decisões diante de dificuldades de compreensão, ariscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc. [...] Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentro os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. [...] Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.¹¹

Ao buscarmos estratégias para aquisição da leitura, não deveríamos nos esquecer da análise dos instrumentos que utilizamos diariamente. Sabemos também que o livro didático é o instrumento que prevalece ainda nas escolas, mas o professor deveria estar atento aos textos, pois os mesmos são utilizados para atividades que às vezes fogem do destino.

Portanto, a escola deveria ser um espaço onde o aluno possa ser respeitado, no seu processo de adaptação, na compreensão e na interpretação de textos, possibilitando seu crescimento, seu desenvolvimento e seu enriquecimento cultural. Aqui, o professor se faz indispensável, garantindo aos alunos textos ricos em linguagem e oportunizando a discussão sobre nossa história, nossa cultura e sobre suas implicações na comunicação e na expressão.

No nosso dia-a-dia, deparamo-nos com diversos tipos de textos. Quando andamos na rua, estamos cercados de textos por todos os lados. As mensagens nos chegam de diversos modos. A leitura acontece em cada instante; desde que algo tenha um sentido e nos transmita uma mensagem, vivenciamos um processo de comunicação.

Ao acordarmos pela manhã e verificarmos o céu, podemos extrair muitas conclusões a partir da análise que fizermos da cor das nuvens, do vento; isso exemplifica que tudo pode significar alguma coisa, dependendo da forma como vemos ou lemos os pequenos sinais que estão ao nosso redor. Pense na sua rotina diária, desde o momento em que acorda até o final do dia. Perceba como está envolvido em diversos tipos de texto:

¹¹ BRASIL, 2001, p. 53-54.

- Placas de rua;
- Conta de luz e telefone;
- Propagandas e mapas;
- Nomes de ônibus;
- Placas de trânsito;
- Bulas de remédio;
- Cédulas de dinheiro;
- Extrato bancário;
- Receitas, etc.

Ler é muito mais do que apenas compreender o que está escrito com letras. Ler é ir além, é compreender algo sem palavras, é observar e interpretar uma obra de arte, uma escultura, uma arquitetura, uma dança, um mar bravio, folhas secas no chão, um abraço apertado, um simples sorriso.

Quando trabalhamos com a Língua Portuguesa, devemos trabalhá-la em situações reais de uso. Para isso, é importante selecionar diversos tipos de texto, uma vez que a criança está em contato com essa variedade. Os textos têm funções específicas – divertir, informar, anunciar, comunicar – e, por isso, a escola deve propiciar trabalhos com os diferentes materiais escritos. No processo de comunicação, muitos elementos estão envolvidos e os textos têm variedade e funções diferentes por causa das situações específicas de interlocução. É importante considerarmos as suas especificidades e características.

Quando classificamos os tipos de textos, temos como referência suas condições de produção, sua finalidade social e seu funcionamento. Por isso, o leitor deve sempre se perguntar:

- Para que serve esse texto?
- Quem o escreveu?
- Para quem foi escrito?

4.4 O fracasso da escola e da família em suas responsabilidades de formar leitores

A literatura é um recurso precioso pelo qual tanto a escola como a família dentro de suas limitações devem empreender todas as energias para que todos possam ter este acesso. A presença da literatura na vida do ser humano oportuniza o crescimento de forma global, sendo ela o maior recurso para desenvolver na pessoa atitudes de solidariedade, respeito, sentimento, senso crítico, senso de humor, ampliando seus conhecimentos, favorecendo as relações e a vida em solidariedade, satisfazendo suas necessidades com segurança.

Tanto a escola quanto a família somam muito para separar a criança do livro. Na escola, além do desprestígio social do saber provocado também pelos cortes de verbas à educação, a leitura escolar muitas vezes é encaminhada de forma acrítica e ilegítima. A falta de biblioteca e de profissionais preparados para o ensino e orientação da leitura faz com que o livro se torne chato, não levando a nada. Além disso, os professores ficam desanimados diante do fracasso dos alunos, não apenas na disciplina de Português, mas nas outras áreas de estudo, fracasso este ocasionado por problemas com a leitura.

Na família, as coisas não são muito diferentes, pois ela também sofre as influências da estrutura social através do consumismo e da alienação, bloqueando assim a emancipação do povo e fechando-lhe as portas dos veículos escritos. O trabalhador vive esperando pela justiça social, mas, enquanto não acontece, ele não tem outra saída a não ser trabalhar para suprir as necessidades básicas de sobrevivência do que ler para atualizar-se, tornando-se um bóia-fria, mão-de-obra facilmente explorada, semi-analfabeto, mas, principalmente, o “inocente útil” em período de eleições. Então, de quem é a culpa e como solucionar este problema? Primeiramente, não podemos julgar sem conhecermos a fundo a questão. É um estudo a longo prazo, pois muitos fatores do fracasso encontram-se no decorrer da história educacional, cada caso é um caso.

4.5 Desafios para a formação docente

O professor, no processo de aprendizagem da leitura, deixa de ser um mero transmissor de técnicas e conteúdos e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas. Ele precisa ter uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um, conhecendo a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno a aprender a ler.

Este papel é muito mais difícil que o já consagrado, exige muito mais esforço da parte do professor. Mais fácil seria ter um planejamento todo definido, para ser cumprido passo a passo. No entanto, por melhor que seja um planejamento, é impossível que ele dê conta de todas as questões inerentes ao processo de aprendizagem do aluno, uma vez que este processo é único, individual.

O professor também necessita testar suas hipóteses a partir do seu referencial teórico e do conhecimento que tem das crianças. Ele terá de fazer suas observações da turma e, a partir daí, encontrar alternativas para que lhe propiciem uma satisfação maior com os resultados da aprendizagem. É uma construção conjunta de estratégias de ensino e aprendizagem, envolvendo professor e aluno. Se a questão da leitura é mobilizadora e de interesse para o professor, seu próprio comportamento de leitor, as estratégias utilizadas por ele e as dificuldades que encontra irão sendo revistas. Nesse processo, observando as hipóteses e estratégias desenvolvidas pelas crianças, ele poderá fazer descobertas que melhorem seu desempenho de leitor e altere o processo de ensinar a ler.

Em sua prática cotidiana, o professor deve assegurar demonstrações adequadas de leitura às crianças, situações essas que sirvam a objetivos específicos, nos quais seus alunos possam encontrar sentido, e que ajudem também as próprias crianças a encontrarem seus objetivos com a leitura. Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor que deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler se não se interessa pela leitura. As preferências da criança também devem ser respeitadas.

Não se dispõe de fórmulas para garantir que a leitura seja compreensível e prazerosa. Sabe-se, entretanto, que há várias maneiras de dificultar a compreensão e o prazer na leitura: se orientarmos a criança para a concentração em detalhes visuais, se fornecermos fragmentos de textos incompreensíveis ou amontoados de frases sem real significado de comunicação, se exigirmos que ela responda a questões após a leitura, se lhe pedirmos para oralizar palavras em detrimento do sentido. Ou seja, o ponto comum de todas essas atitudes de ensino que dificultam a aprendizagem da leitura é a limitação da quantidade de informações não-visuais a que a criança pode recorrer enquanto lê.

Para facilitar o processo de leitura, devemos garantir à criança amplas possibilidades de usar informações não visuais, possibilidades de fazer previsões, compreender e ter prazer no que lê. O professor não pode e não deve confiar em uma única metodologia especial, milagrosa, mas na sua competência pedagógica. É ele quem, observando seus alunos, refletindo sobre sua prática e aprofundando seus conhecimentos sobre leitura e aprendizagem, pode compreender e atender às necessidades, às dificuldades e ao interesse de cada criança num dado momento.

5 FUNDAMENTAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA

5.1 A importância da leitura

Ler é fundamental para o ser humano. A atividade da leitura, com o tempo, deve auxiliar na construção da personalidade e na abertura de horizontes. Para que isso se efetive, é preciso que alimentemos nossa inteligência com gêneros textuais diferenciados, é necessário que ampliemos nosso horizonte cultural, para que possamos atingir a autonomia como sujeitos sociais e históricos. O ato de ler não é uma questão estritamente cognitiva. Envolve interações, afetos, rejeições, relações sociais e situações de ensino. Nesse processo, o sujeito participa e interage como o autor, recriando o texto de acordo com a sua percepção.

Quando dizemos que, ao ler, acompanhamos o pensamento do autor, na verdade, o que estamos dizendo é que entendemos o texto imaginando-nos como seus produtores. O texto-produto é visto como um conjunto de pegadas a serem utilizadas para recapitular as estratégias do autor e através delas chegar a seus objetivos.¹²

O significado abstraído da leitura será singular para cada leitor e diferente para o mesmo em diferenciados momentos de vida. Extrair-se-ão outros significados da mesma leitura, dependendo do interesse do leitor, das necessidades do momento, de seu poder de refletir sobre a intencionalidade da produção textual, de sua capacidade crítica de análise, de sua inferência. O leitor crítico participa do processo de leitura. Muito mais do que ter a capacidade de decifrar um código de sinais, a partir de um texto, é capaz de atribuir sentido a ele, de compreendê-lo, de interpretá-lo, de “relacioná-lo a outros textos, de reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono de própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista”.¹³

O leitor crítico, movido de intencionalidade, desvela o significado pretendido pelo autor - emissor, entretanto não se detém neste nível, ele reage, questiona, problematiza,

¹² KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 57.

¹³ ZILBERMANN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**, São Paulo: Ática, 1998. p. 17.

aprecia, critica. Acredita que o mundo é passível de transformação e descobre-se como construtor desse mundo. Por meio do ato de decodificar e refletir, novos horizontes se abrem para o leitor, visto que experimenta alternativas. Porém, o encontro com novas alternativas propostas pela leitura somente pode ser efetivado na transformação, ou seja, na ação sobre o conteúdo do conhecimento, nesse caso o documento escrito. A leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do ser leitor. Essa leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação do significado; deve ser caracterizada como um projeto, pois se concretiza em uma proposta pensada pelo ser no mundo, dirigido ao outro.

Ao falarmos em leitura, falamos, também, em leitura de mundo, pois esta precede a leitura de signos. A leitura de mundo¹⁴ é o entendimento do que se vê, é a análise da realidade da forma como se desvela, é percepção do mundo como um conjunto de relações percebidas pelos sentidos.

5.2 Aprender a ler o mundo e letramento

O processo de leitura do mundo, para que possa despertar o gosto pela leitura, deve partir de algumas significações. Em primeiro lugar, destaca-se o respeito pelo ser humano, lutando contra as sombras e a realidade de instituições autoritárias, há uma profunda desvalorização da pessoa “contra o mundo impessoal que a tecnologia moderna começa a criar, o mundo do ‘isso’, advoga-se uma volta à pessoa concreta, a sua existência aqui e agora”.¹⁵

Entende-se que o aluno não foi capaz de descobrir a significação humana como os maiores valores do mundo, na verdade não chegará a ter uma visão completa do mundo, seja ela grande ou pequena. Salienta-se que se a leitura do mundo for realizada sob o olho dos valores humanos, tudo terá mais sentido e tocará os sentimentos da pessoa.

Outro critério, segundo Freire,¹⁶ é a coerência que faz com que as pessoas se aproximem. O que caracteriza a coerência é a capacidade de aceitar suas contradições, não para justificá-las, mas para viver a densidade e complexidade da vida com suas tensões. Assim, entende-se que viver em coerência significa aceitar o outro com suas limitações e

¹⁴ FREIRE, 1986.

¹⁵ STRECK, Danilo. **Correntes pedagógicas**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes; Curitiba: CELADEC, 1994. p. 23.

¹⁶ STRECK, 1994, p. 25.

também reconhecer que não se sabe tudo e que o saber do outro completa seu saber incompleto.

Destaca-se, como terceira característica, o conteúdo, a teoria elaborada sob um núcleo básico mais ou menos estável. Não é, portanto, uma teoria concluída e que se possa dizer pronta e acabada, e isso amplia o diálogo. Estas características levaram Freire a elaborar a concepção da teoria da pedagogia da libertação, fundamentada nos estudos da teologia. “Na atualidade do lado da teologia, é um forte acerto na questão metodológica. A teologia não se faz só na escrivadinha, mas brota da reflexão que o povo de Deus faz na sua jornada de libertação. E isso é um processo pedagógico”.¹⁷ Entende-se que o processo de leitura do mundo deve acontecer de forma aberta, livre e voltada para a vida, a preservação e a capacidade de servir um ao outro.

Busca-se, nesta pedagogia, posicionar o ser humano em seu mundo e desenvolver relações de conhecimento com outros. E assim, o ato de conhecimento envolve sujeitos capazes e dispostos a conhecer. “Ensinar é a forma que o ato de conhecimento, que o professor exerce toma para sugerir testemunhalmente ao educando como deve ser o ato dele ao engajar-se no ato de aprender”.¹⁸ E, neste contexto, estabelece-se a relação consciência vs. mundo que, para Freire, é a base em tudo. Segundo Freire,¹⁹ a educação é um processo de diálogo através do qual o educador e o educando constantemente problematizam o seu estar no mundo e sua ação sobre o mundo.

Entende-se que o ser humano é parte do mundo e se revela ainda mais quando o seu estar no mundo envolve a consciência de que tudo tem a significação de um grande presente e que precisa ser preservado. Destaca-se, na aprendizagem de leitura do mundo, a consciência de que não vive sozinho e de que se é resultado da contribuição de todos. Letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever.

Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de freqüentar revistarias, livrarias, e com esse convívio efetivo

¹⁷ STRECK, 1994, p. 27.

¹⁸ STRECK, 1994, p. 33.

¹⁹ STRECK, 1994, p. 34.

com a leitura apropriar-se do sistema de escrita. Afinal, professores defendem uma adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita.

O que significa aprender a ler e escrever? É alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem conseqüências sobre o indivíduo e alterar seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos e até mesmo econômicos.

Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita. Não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente, surgindo então o letramento.

Nas pesquisas em Educação, História, Sociologia e Antropologia, que se voltam para o estudo do número de alfabetizados e analfabetos e sua distribuição, ou que se voltam para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem da leitura e da escrita, nas séries iniciais, são pesquisas sobre alfabetização. As pesquisas que buscam identificar os usos e as práticas sociais da leitura e escrita, em determinado grupo social, ou buscam recuperar, com base em documento e outras fontes, as práticas de leitura e escrita no passado são pesquisas sobre o letramento.

Como é possível perceber, o letramento não é um fenômeno. Dando condições à criança de folhear livros, revistas, jornais, escutar rádio, ver televisão, enfim, atividade cotidiana que os próprios pais podem propiciar, já insere a criança ao mundo letrado. Com certeza, existe desde os primórdios de nossa civilização, é impossível não estarmos envolvidos. Mesmo as crianças carentes, que não têm oportunidade de manusear estes materiais, têm acesso ao letramento nas próprias ruas: outdoors, lojas, bancas de jornal, ônibus, panfletos de mercado, panfletos de rua, etc.

5.3 O gosto pela leitura

Primeiro, “a leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois a leitura da palavra que nem sempre ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo” (Paulo Freire)

Diante da leitura, observam-se comportamentos diferenciados, pois a criança age de acordo com sua vivência, o incentivo que traz como bagagem desde os primeiros passos em sua vida. Deparamo-nos com alunos que demonstram dificuldades em organizar e expressar seus conhecimentos na leitura. Há aquele que não lê, dizendo que não gosta. Consta-se que não saber ler, não ter incentivo em seu lar, nem dos amigos é, por vezes, motivo para ser desprezado por seus colegas de classe. Outros só têm a vivência do livro didático e com textos muito extensos, letras miúdas, poucos desenhos e outros motivos que estes criam para justificar seu desânimo com relação aos livros de leitura.

Por outro lado, existe o bom leitor, aquele aluno que todo mestre gostaria de ter, curioso, esperto, criativo, ganha bons livros, tem excelentes incentivos em seu lar. Cada aluno lê de uma maneira, mostra de forma muito particular o que sabe, devemos respeitar estas individualidades ajudando-os na conquista da leitura.

Vem de encontro aos objetivos traçados para a quarta série, tornar os alunos leitores motivados e curiosos por novas descobertas. Por isso, é preciso ler com eles primeiramente seu mundo particular, solicitando que contem sua história, depois o mundo que os rodeiam: expressões, desenhos, palavras, textos com desenhos e atraentes. Nesta série, o despertar para a leitura é, a meu ver, a principal meta que deve ter o professor. Se o aluno for para a série seguinte sabendo fazer a leitura de textos em seu contexto, certamente terá êxito nos demais aspectos de sua vida escolar. É fundamental trabalhar para um despertar amoroso no tocante à leitura.

A relação entre teoria e prática, entre ato e palavra, contém uma série de dificuldades para a prática educativa. Assim, a prática do gosto pela leitura na quarta série torna-se verdadeiro desafio, tanto para o educador, quanto para o educando. Segundo Suzana Vargas, a leitura traz prazer quando “o indivíduo descobre que ela lhe dá o poder do conhecimento e a capacidade de associar idéias, planos, elementos aparentemente dissociados no tempo e no espaço”.²⁰ Assim, pode-se dizer que o educando que lê apenas o que a escola lhe sugere

²⁰ VARGAS, Susana. O prazer da leitura. **Jornal mundo jovem**. Porto Alegre: Fundação, 1999. p. 6.

poderá passar muitos anos escolares e não sentir ou descobrir o gosto pela leitura, pois tudo o que a escola desenvolve constitui o mínimo para tudo.

Ainda conforme a mesma autora, a leitura agiliza a inteligência objetiva, tudo que pode ser compreendido materialmente, tecnicamente, e que inteligência subjetiva é quando se pensa no desenvolvimento da sensibilidade, na compreensão daquilo que não se pode trocar: os sentimentos, o sentido da vida, o estar no mundo. Isto quer dizer que a prática da leitura exige uma formação da inteligência, onde, através dela, o aluno de quarta série poderá desenvolver a motivação do gosto pela leitura.

Entende-se que, normalmente, o primeiro encontro da criança com o livro é na escola, e tem o significado de encontros tão rápidos que não chegam a estabelecer laços afetivos entre os mesmos, porque os alunos não vêem o livro com a inteligência subjetiva. Destaca-se que a relação com o livro deve ser envolvente e cativante, pois o aluno de quarta série apresenta abertura suficiente e sensibilidade para viver o humor, a brincadeira, o ministério, a alegria, a aventura e o desafio.

Partindo da idéia de que “o prazer está incluído nestas descobertas de sentimentos”, destaca-se a compreensão de que “ler é um excelente passatempo no sentido literal, pois faz a imaginação viajar por outros mundos, mergulha em outra realidade sem se alienar desta e o tempo passa”.²¹ A autora fala do momento em que o aluno se identifica como leitor e consegue o gosto que a leitura proporciona. Daí a pergunta: como alcançar este estado? O que deve fazer o professor de Português, que tanto se preocupa com a leitura? Ainda segundo Vargas,

o professor de Português precisa deixar de ser técnico da língua formal ou historicista, em todas as séries em que atua e precisa relaxar (embora haja imposições de currículo) e entender que a leitura é o primeiro passo na construção da comunicação e que não despertar primeiro para ela, nada se desenvolverá.²²

É preciso que a criança primeiro descubra o gosto de ler, para que possa desenvolver outras aprendizagens do domínio lingüístico com boa vontade, pois é através da leitura que ele os conhece e aprende com maior facilidade e aplicá-los na construção do texto. Com isso, Vargas também destaca que, “da mesma forma, é muito importante que o professor também precisa gostar de ler, gostar de livros, gostar de bibliotecas e de programas de leitura”.²³

²¹ VARGAS, 19996, p. 6.

²² VARGAS, 19996, p. 6.

²³ VARGAS, 1996, p. 6.

Parte-se do conceito, nesta afirmativa, de que o professor não pode deter-se no ditado popular “façam o que eu digo e não façam o que eu faço”, porque na fase da criança de quinta série, pode-se dizer que se educa mais pelo exemplo, do que pela intensidade das tarefas. Outro fato que assume relevância na quinta série é o fato de os alunos nesta idade se sentirem muito constrangidos e até com vergonha de ler, e para não fazê-lo muitas vezes afirmam que não sabem ler, que não gostam de ler. Com isso, novamente se busca alternativa na pessoa do professor que deve ser incansável, criativo e libertador quanto ao ambiente, à motivação e ao ato de ler.

Entende-se que, como condutor do processo, cabe ao educador, conhecedor dos interesses e anseios dos alunos de quarta série, construir na atividade de leitura as respostas e o gosto que deseja desenvolver. O que se quer dizer é que a leitura não pode continuar em crise na escola, portanto, esta atividade deve ser representada, pois não pode continuar a ser interpretada como uma tarefa de modo mecânico e estático. A escola tem muita responsabilidade de:

Assim como acontece com a alfabetização, a escola pode ou não ficar no meio do caminho, o que quer dizer: dar oportunidade para que sua tarefa de cumprir de modo global transformando, então, o indivíduo habilitado à leitura em um leitor, ou não, o que pode reverter no seu contrário. Neste caso, a criança afasta-se de qualquer leitura, mas, sobretudo, dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira insatisfatória, seja por rever na literatura experiências didáticas que deseja esquecer.²⁴

Estende-se, assim, que o processo de formação do leitor tem muitos fatores interferentes, mas cabe à escola, e de forma especial ao professor, preocupar-se com o gosto pela leitura, pois, sem ele, a leitura não será espontânea e contínua em seus benefícios. Destaca-se ainda que o gosto é uma satisfação que se conquista e se desenvolve quando se é capaz de senti-la e de muito maior significado quando realizada e vivida socialmente, na relação professor, alunos e colegas.

5.4 Leitura interdisciplinar

A leitura é uma atividade interdisciplinar. Através dela, muitos conhecimentos são colocados na interação interdisciplinar, pois todas as disciplinas que são conhecidas precisam ser lidas e interpretadas. Para a criança, é tão importante ler um texto lingüístico quanto ler

²⁴ LAJOLO, Marisa et al. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. p. 17.

um problema, ler uma fórmula ou ler um mapa ou fato histórico: o importante é ler. A interdisciplinaridade surge, assim, como possibilidade de enriquecer e ultrapassar a integração dos elementos, através de comportamentos e habilidades básicas a todos os conhecimentos. Assim, “a apreensão da atitude interdisciplinar garante para aqueles que a praticam um grau elevado de maturidade. Isso ocorre devido ao exercício de certa forma de encarar e pensar os acontecimentos”.²⁵

A leitura na quarta série é encarada e pensada como gesto mecânico, por isso tem se tornado insuportável em algumas situações. Há até quem deteste pelo fato de o professor propor a sua realização todos os dias, o que a faz enfadonha e repetitiva, mas, mesmo assim, a leitura não é redescoberta com a atividade de acesso a muitos conhecimentos. É claro que, para descobrir a leitura como atividade disciplinar, são necessárias atitudes favoráveis, tanto do professor quanto do educando. “Não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por parte daqueles que praticam”.²⁶

Entende-se, assim, que para que os alunos de quarta série vivenciem a leitura em seu entendimento interdisciplinar, é necessário que a compreendam interdisciplinarmente e desejem desenvolvê-la em plenitude em todas as disciplinas. É preciso que a primeira atitude seja do professor, é ele quem primeiro deve apresentar a leitura interdisciplinar, desenvolvendo como principal instrumento a dialogicidade. O diálogo distingue-se como caminho do entendimento, da aproximação que encoraja o educando a construir um conhecimento através da leitura.

Nesta visão, a leitura nunca será mecânica, ou decorativa, terá caráter de experiência, de aprendizado porque o educando aprenderá a questionar o texto que lê e suas estrelinhas, e retirando das mesmas mensagens explícitas e implícitas. Não se pode dizer que basta a atitude isolada do professor de Língua Portuguesa, é preciso que todos os professores e todos os educadores tenham o mesmo objetivo. A leitura interdisciplinar deve constituir uma proposta pedagógica de todos os envolvidos no processo de aprender assim o aprendizado será de todos.

²⁵ FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 35.

²⁶ FAZENDA, 1999, p. 34.

6 LEITURA E PRÁTICA

6.1 A aprendizagem da leitura

Algumas abordagens sobre a aprendizagem da leitura parecem deslocar as questões que, desde que, no ato de ler, a língua escrita aparece desvinculada da língua oral – ela é um sistema autônomo que possibilita a atribuição direta do significado, sem mediação do oral, o domínio da fala padrão deixa de ser considerado um pré-requisito para a aprendizagem da leitura, levantando-se a hipótese de que a língua oral é reestruturada como consequência da aprendizagem da leitura.

Num mundo onde a escrita é um meio importante na circulação de idéias, é fundamental a análise do ato de ler. Ler é uma atividade extremamente complexa. É uma atividade pessoal e secreta, que só podemos observar em seus aspectos exteriores.

A leitura se apóia em duas diferentes fontes de informações. Uma é a fornecida pelo autor, que são os registros gráficos sobre uma página, que se chama de informação visual. É a informação que desaparece quando desligamos a luz ou nos afastamos do texto. A outra fonte de informações encontra-se no cérebro do leitor, que fornece informações não-visuais, disponíveis e presentes mesmo quando os olhos estão fechados ou a luz apagada. São dois tipos de informação, com suportes distintos e recíprocos. O leitor pode lançar mão predominantemente de um ou de outro tipo.

Quanto mais utiliza uma informação não-visual, das que tem disponíveis em sua estrutura cognitiva, menos ele necessita da informação visual, a que está na página impressa. Um leitor, ao entrar em contato com o texto, constrói hipóteses sobre o que vai encontrar na leitura deste. Um leitor não é completamente ignorante sobre o que irá ler. A leitura pressupõe a elaboração de um saber prévio, que fornece os dados para o leitor levantar hipóteses sobre o que vai ler. A frequência maior ou menor de ocorrência de palavras no texto permite ao leitor antecipar, eliminando a necessidade da leitura do texto palavra por palavra.

Ler é sempre colocar questões a um texto: é um ato voluntário que evocamos previamente. É por isso que um texto pode ser compreendido de diversas maneiras. Pretender que exista uma única forma “correta” de interpretar um texto é impedir que o leitor coloque as questões que deseja que sejam cabíveis para ele; é, portanto, anular a construção de sua própria compreensão. Assim, uma criança que pretenda compreender uma história não o fará da mesma maneira que o professor, pois, sem dúvida, não se colocarão as mesmas questões que ele. As questões do professor e sua interpretação do texto podem não fazer o menor sentido para a criança.

Ler é sempre atribuir significado a um texto escrito. Esta atribuição de significados depende do que o leitor já conhece sobre o assunto, das informações não visuais de que ele dispõe, do seu interesse e das questões que se coloca. A informação, como a compreensão, é relativa. Informação e compreensão estão ligadas ao indivíduo, à sua estrutura cognitiva e dependem tanto do que se conhece quanto do que se procura saber.

Uma concepção mais contemporânea define a leitura como um ato de atribuição de significado a um texto escrito. Leitura é uma relação que se estabelece entre o leitor e o texto escrito, relação na qual o leitor, através de algumas estratégias básicas, reconstrói um significado do texto no ato de ler.

A leitura é sempre uma elaboração da informação, variando somente a intenção que o leitor deposita numa e noutra. É em função do que o leitor projeta fazer que ele selecione as informações mais adequadas para concretizar o seu projeto. Quer se trate de um jornal, poema, legenda de um filme, tese, revistas ou receitas de cozinha, ler é uma atividade que se inscreve no interior de um projeto; é por isso que a leitura é, por natureza, flexível, múltipla, diversa, sem nenhuma hierarquia preestabelecida que defina uma leitura melhor do que as outras. Aprender a ler é aprender a explorar um texto, lenta ou rapidamente, dependendo da intenção do leitor.

Uma situação de aprendizagem privada da relação que a leitura tem com o projeto ou intenção do leitor deixa de lado a característica fundamental da leitura: a intencionalidade do leitor. Um bom leitor compreende um texto em um tempo mínimo, sem se preocupar com cada uma das palavras deste texto. O sentido de uma frase não é a soma dos sentidos das palavras que a compõem. Ao contrário, o texto e o contexto é que dão sentido às palavras, pois é o sentido do texto ou da frase que permite a pronúncia das palavras e não a pronúncia que fornece o sentido. Grande parte das palavras que conhecemos adquiriu sentido quando as

encontramos no interior de textos, embora até então fossem desconhecidas. É assim que uma criança aprende a falar e a ler. É necessário convencer as crianças a não pararem diante de uma palavra desconhecida, mas buscarem adivinhar o sentido, continuando a ler o texto.

6.2 Leitura e construção textual

A estrutura de um texto permite a leitura não linear e a abordagem dos assuntos de acordo com o interesse do leitor. Além disso, a construção de um texto permite a reflexão, mais aprofundada das relações intertextuais, sendo necessário maior conhecimento do assunto, incentivando a procura e aguçando a curiosidade. O aluno experimenta a posição de construtor e elaborador de seu próprio conhecimento, exercitando a tomada de decisão e o pensamento crítico, já que terá que analisar a sua fonte de informações para o desenvolvimento de seu próprio texto.

A partir do momento em que uma criança é colocada numa situação de leitura, ela inicia o desenvolvimento dessa aprendizagem. Antes de traçar um corte entre letrados e iletrados, a presença da escrita através de suas várias formas e usos permite considerar uma diversidade de condição de leitor. O leitor vai sendo transformado, refinado e vai aperfeiçoando suas estratégias, conforme as solicitações externas. Assim, parece possível uma mudança de orientação do ensino escolar da leitura, de modo a eliminar exigências específicas que reproduzem diferenças sócio-culturais entre as crianças, desde que a concepção de leitura subjacente a essas exigências seja colocada em questão.

Trata-se de abandonar uma crença milenar: a base alfabética da formação do leitor. As recentes investigações parecem indicar certa semelhança entre o processo de aprendizagem da fala e a aprendizagem da leitura; se é falando que a criança aprende a falar, é bem provável que, lendo, a criança aprende a ler.

6.3 Parâmetros para o desenvolvimento de uma boa leitura

6.3.1 Instituir um tempo

Este primeiro ponto refere-se à criação de um tempo regular e semanal para que o aluno possa ter um momento específico e particular para o contato com o livro. Ela se fundamenta na prática pedagógica que considera o livro, entre todos os meios de comunicação, o que mais respeita o ritmo de aprendizagem e as inclinações do aluno, o que

mais respeita o ritmo de aprendizagem e as inclinações do aluno. Esse tempo específico deve receber a mesma importância que qualquer outro período de aula e ser obrigatoriamente partilhado com o professor da classe no Ensino Fundamental.

6.3.2 Criar um espaço

Deve-se prever um espaço definido como sala de leitura e equipado para motivar a relação particular e prazerosa com o livro. Tal espaço conta, em tempo integral, com a presença de um orientador de leitura, cuja função é dar prioridade à espontaneidade da descoberta e da fruição dos fatos do mundo que, mediados pelas atividades que sugere, se tornem experiências significativas. Do mesmo modo, a função do professor nessa sala não é exercer a docência, mas viver junto aos alunos a agradável experiência da leitura.

Nesse espaço, devem coexistir livros e outros meios de comunicação, porque a interação com estes últimos auxiliará os alunos a perceberem as diferenças entre os vários códigos e as relações particulares que cada um mantém com o real e o ficcional, ou com o objetivo e o subjetivo. O privilégio dado ao livro não dispensa o conhecimento de outros tipos de leitura, pois estes não são concorrentes, ao contrário, podem aguçar a sensibilidade e motivar o desejo de ler.

6.3.3. Vivenciar demonstrações

Este item mostra que o espaço e tempo colocados nos pontos anteriores devem ter a condição de se transformarem em demonstradores, ou seja, a de oferecerem ao aluno a oportunidade de experimentar experiências e perceber o que estas significam e como são assimiladas e organizadas em sua mente. É necessário entender que a sala de leitura é, além de um espaço no qual existem várias linguagens, o lugar exemplar para a prática dessas linguagens. Portanto, a variedade e os conteúdos significativos destas precisam ser percebidos, compreendidos e explorados. O livro, por exemplo, contém várias mensagens que podem ser assimiladas através de seus diversificados códigos: língua natural, ilustrações, cores, formato, tipo de papel, como também a própria materialidade da condição de objeto concreto. Da mesma forma, o espaço constituído de mesas e cadeiras, paredes, luz, ambiente tranquilo e organizado, atividades e circulação de pessoas, comunicarem de maneira fortemente demonstradora experiências similares por todos os alunos.

Assim, é importante a postura do orientador de leitura: sua forma de manusear o livro, o cuidado e o interesse para procurá-lo ou escolhê-lo, o prazer de falar sobre ele, assim como a habilidade para manter agradável o ambiente da sala demonstram exemplarmente como se faz a interação leitor – livro – linguagem – experiência – mundo. Do mesmo modo, o professor de classe que se refere a esse tempo e a esse espaço como significativos e que, ao acompanhar os alunos, segue os mesmos procedimentos, escolhe com interesse seus livros e, ao seu lado, os lê em silêncio e com prazer, demonstra o valor da leitura mais eficientemente do que dissertando sobre ela ou passando exercícios. Mesmo o aluno que, em geral, não tem temperamento tranquilo, sente-se influenciado pelo ambiente e, ao ver a maioria dos colegas lendo, motiva-se a se integrar nessa atividade e a considerá-la parte de seu cotidiano, descobrindo leituras que o interessem.

O livro, por sua vez, porque não é visto somente como texto, demonstra como as páginas constituem seqüência narrativa, como a diagramação, as ilustrações e as cores interagem com a história ou a modificam; como os formatos e os materiais empregados na confecção transformam a realidade factual, enfim, como todos os signos auxiliam a distinguir a ficção da realidade. A própria organização dos livros na prateleira demonstra, além da variabilidade possível de escolha, a existência de ordem, de classificação, de diversidade de gêneros e, finalmente, de objetos que, sendo de propriedade comum, precisam ser cuidadosos e respeitados.

6.3.4. Motivar o engajamento

O termo engajamento deve ser entendido como a atividade de engatar uma categoria de ação em outra, um comportamento em outro, pois as estruturas mentais nada mais são do que as articulações. São previstos dois tipos de engajamento. Primeiro, o do freqüentador da sala de leitura, daquela que incorpora o comportamento e as informações aprendidas. Segundo, o do leitor que se deixa envolver pela temática do livro e, projetando-se nela, vive tais experiências.

O engajamento produzido pelas atitudes e pelas informações aprendidas por imitação dos adultos e dos colegas ou pela observação do próprio livro como objeto recebe a garantia de experiências institucionalizadas pelo grupo social. Assim, engajar-se nas emoções da mensagem e nos modelos de comportamento das personagens reduz as incertezas e a insegurança da falta de experiência do jovem, porque este sabe que está no plano da ficção.

6.3.5. Desenvolver a sensibilidade

Este parâmetro é compreendido como a faculdade de sentir, a qual é mais ampla e profunda que a habilidade de se informar ou de conhecer. Embora também implique aquisição de conhecimento, o objetivo primordial dessa regra é possibilitar respostas a necessidades interiores, a anseios profundos de experiências, cuja satisfação produz no aluno não só prazer, mas, sobretudo consciência da necessidade de amadurecer. Sentir experiências de toda ordem, seja somente abrir ou folhear livros, deleitar-se com formas e cores, ler histórias tristes ou crônicas, livros bons ou maus, bonitos ou feios, entender bem ou não a mensagem – e comentar, sobretudo isso – faz o aluno sentir-se competente para avaliar o mundo, real ou imaginário, e a si próprio de modo a poder vislumbrar as linhas possíveis de seu futuro.

6.3.6. Avaliando a aprendizagem da leitura

Há crianças que têm dificuldade na aprendizagem da leitura. Contudo, nada nos permite afirmar que a criança que possui uma boa visão, compreende e utiliza adequadamente a língua oral, seja física ou cognitivamente incapaz de aprender a ler. Há mesmo o caso de crianças “brilhantes” que não conseguem aprender a ler. Esta dificuldade não é forçosamente devido a uma disfunção orgânica: uma criança não aprenderá a ler se ela não tem interesse ou não vê significado no ato de ler, se criou hostilidade pelo professor, pela escola ou pelo grupo social que ambos representam, se acredita que esta seja uma aprendizagem muito difícil. Pode ser também que ela tenha uma idéia falsa sobre a natureza da leitura, isto é, se aprendeu que a leitura não tem sentido, é algo maçante e só serve para ganhar boas notas.

Assim, na grande maioria dos casos de dificuldades de aprendizagem de leitura é possível uma intervenção educativa, sem recurso a especialistas. O desafio do professor é encontrar as razões da dificuldade e a forma de intervir. O professor não necessita apenas de testes, provas para avaliar o processo de aprendizagem de seus alunos. Ele sabe se uma criança faz progressos na leitura simplesmente observando-a em sala de aula. Se o professor mantém uma boa relação com as crianças, encara a aprendizagem da leitura como um processo natural e contínuo, acredita que erros cometidos pelas crianças se constituem num fator produtivo para o avanço do processo, ele está criando condições favoráveis à aprendizagem.

A avaliação da aprendizagem não deveria significar controle através da leitura oral. Ao contrário, deveria levar em conta os diversos aspectos envolvidos no ato de ler – como as

questões que a criança se coloca diante do texto que está lendo, o seu interesse pela leitura, o seu envolvimento, como está se processando a busca de sentido na escrita, etc. Mesmo porque a compreensão, a captação do sentido do texto, é condição indispensável para o desenvolvimento dessas habilidades.

Os textos de leitura com as indefectíveis questões de compreensão de texto padronizadas também não auxiliam uma criança a aprender a ler, nem permitem explicar o porquê de o aluno não aprender. O mau desempenho nos testes leva muitas vezes a exercícios mecânicos e repetitivos, que acabam distanciando cada vez mais a criança de situações autênticas de leitura e escrita.

As melhores avaliações de leitura são aquelas que o professor elabora quando sente necessidade de perceber melhor o desenvolvimento dos alunos. Os bons professores fazem isto de maneira permanente e intuitiva. Geralmente, esses momentos de avaliação estão integrados a várias outras atividades da criança, passam quase despercebidos por ela e, no entanto, são muito eficazes. Por exemplo, uma conversa sobre um texto lido, a atenção aos comentários que as crianças fazem, a resposta a uma pergunta a respeito de uma personagem e o interesse demonstrado por um texto são algumas situações onde a avaliação está presente com naturalidade e resultados efetivos. Pode-se dizer com certeza que esta avaliação contínua, presente em todas as atividades, preocupada em detectar as dificuldades e em criar condições para os alunos superá-las, é muito eficaz que as tradicionais avaliações padronizadas.

7 LEITURA NA 4ª SÉRIE

7.1 Leitura e construção do conhecimento

Se, no começo das séries iniciais, o ensino da leitura é proposto seriamente, parece lógico que as propostas e decisões que se adotem em torno dela façam parte do projeto curricular da escola, o que não pressupõe apenas que formalmente sejam incluídas em um documento escrito. Pressupõe, a partir da perspectiva que se adota, que as idéias que são expostas, juntamente com as adaptações oportunas que podem guiar o ensino inicial da leitura, não se percam de vista em outros segmentos do sistema educativo, mas que se aprofundem, concretizem-se e se complementem com outras que permitam dar conta dos objetivos que a escola, em todas suas etapas, deveria, formular em relação à leitura: que os alunos tenham prazer de ler - autonomamente ou com a ajuda de outros, que aumentem e valorizem sua capacidade de ler por si mesmos e que possam utilizar a leitura para resolver alguns dos desafios que a própria escola e a vida lhes irão oferecer.

Em síntese, nas séries iniciais, a leitura ocupa um lugar muito definido e, ao mesmo, muito amplo. Não se trata de acelerar nem de substituir a tarefa de outras etapas em relação a esse conteúdo: trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e a aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que lhes interessa, que se encontra presente em sua vida e na nossa, como docentes, e que é muito importante ressaltar.

Normalmente, os projetos de literatura baseiam-se em interpretação, além de um teste de compreensão da leitura no final. Com esse trabalho, a compreensão e o aprofundamento da leitura se farão necessários para outro fim, que não um teste de avaliação, e a motivação será a construção de um produto final. O objetivo é tornar a leitura obrigatória de livros mais interessante para os alunos, proporcionando a construção de um produto criativo a partir de uma atividade atraente e prazerosa, promovendo a facilidade de leitura mais complexa, visando a aprendizagem exploratória e ao trabalho interdisciplinar.

Oferecendo-se um ambiente favorável para que possa usar seus conhecimentos, passar sobre eles e até mesmo brincar com eles, está-se dando oportunidade de aprender de uma forma pessoal, com mais interesse e desejo – “aprender-em-uso”. Quando estamos envolvidos emocionalmente com uma área de conhecimento, nós realmente aprendemos. Faz parte do ser humano querer aprender e, quando temos um objetivo, uma motivação, quando vemos utilidade na aquisição do conhecimento, esse envolvimento se dá de maneira bastante natural.

7.2. Influência no ato de ler

Nem sempre foi valorizada a importância da presença do outro, nas diferentes aprendizagens que realizamos ao longo da vida. No entanto, hoje, dá para afirmar, com bastante segurança, que nenhuma aprendizagem é um ato isolado, puramente individual. Desde que nasce, a criança começa a aprender o seu mundo cultural através da interação com aqueles que a cercam. A linguagem oral, por exemplo, é um bem sociocultural que vai sendo construído nas relações com os familiares, alargando-se com a ampliação da participação da criança em diferentes grupos sociais. Assim acontece também com a apropriação do código escrito. As primeiras informações geralmente surgem espontaneamente no meio familiar e são sistematizadas na escola.

A expressão, a comunicação e a interpretação através do uso da língua escrita estão presentes em quase todas as situações do cotidiano. Nas sociedades letradas, as crianças convivem, desde cedo, com materiais impressos, ricos e variados - letreiros, anúncios, rótulos, embalagens, outdoors, placas de ruas e praças jornais e revistas, livros, correspondências, etc., que estimulam e provocam sua curiosidade, fazendo com que cheguem à escola trazendo muitas hipóteses e conhecimentos construídos sobre os atos de ler e escrever.

Com esse contato, ela percebe muito cedo que as reportagens estão nos jornais, as histórias nos livros, que uma receita ensina como fazer um bolo, que uma carta traz notícias de pessoas ausentes. Esses são alguns conhecimentos adquiridos a partir da observação do que os adultos fazem, mas nem tudo pode ser aprendido apenas por meio da observação informal. O contato com o livro e ouvir histórias, manusear os livros seus desenhos levam a despertar o gosto pela leitura muito cedo na vida da criança, Ela chega à escola estimulada e querendo ler, cada vez mais e descobrir o que conta cada livro daqueles com que entra em contato.

7.3. Competência do leitor

A competência do leitor está na formação leitora, que exige muita dedicação da escola. E, para que se assegure a continuidade do comportamento leitor, é preciso se preocupar com a sua relação com o livro, com o texto, e é necessário que a leitura seja competente. Estende-se que a competência da leitura se constitui de um conjunto de fatores e condições que permitam ao aluno a aprendizagem e o gosto de realizar uma leitura interessante e bem compreendida.

Segundo Aguiar e Bordini, o primeiro passo na formação do hábito da leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele. Entende-se que a literatura brasileira e a literatura infanto-juvenil vêm preencher os quesitos ao fornecerem textos diante dos quais o aluno facilmente se situa, pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos problemas colocados. “A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler”.²⁷

É preciso conhecer os alunos antes de se propor a trabalhar leitura com os mesmos, pois desenvolvê-la como aprendizagem e despertar o interesse para ela exigem critérios para a escolha dos melhores textos e estratégias que conquistem para uma atividade livre, prazerosa e consciente. Segundo Aguiar e Bordini, “o interesse pela leitura é uma atitude favorável em relação ao texto e às estratégias, dada as necessidades que o aluno possa ter: tomar conhecimento genérico de ocorrências atuais, seguir uma instrução, recrear-se, estudar”.²⁸

Ao vir para a escola, o aluno internamente predispõe-se a participar de uma aprendizagem, de uma situação onde prevê que deve aceitar prestar atenção, refletir e executar com consciência. Destaca-se que

o indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo que é condicionada por uma série de fatores: os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesses de leitura variados [...] são determinantes a idade, a escolaridade, o sexo e o nível sócio-econômico”.²⁹

²⁷ AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p.18

²⁸ AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 19.

²⁹ AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 22.

Estende-se que a competência na leitura exige do leitor o sentimento de satisfação. A satisfação não é mero componente, é básico no alcance do que gosta de fazer na atividade e como fazer a leitura. Pode-se dizer que a satisfação por si mesma não envolve contrariedades e mantém a competência, como a busca de melhoria do que já sabe desenvolver e realizar. Segundo Rosing, “as capacidades básicas capazes de desenvolver a competência encontrar-se na leitura, produção de textos escritos, aritmética, matemática, escutar e falar. Assim, fazem parte deste contexto também as capacidades cognitivas que pressupõem pensar criticamente, tomar decisões, solucionar problemas, imaginar, saber como aprender, raciocinar”.³⁰ Deve-se considerar entre qualidades pessoais, responsabilidades, auto-estima, sociabilidade, auto-gerenciamento e integridade, honestidade.

A competência na leitura é buscada por todos que querem em ser bons leitores e não em apenas uma fase da vida, mas sempre e em todas as atividades que enfocam o ato de ler. Além disso, é preciso destacar que a competência é resultante também da integração entre leitor e produtor do texto, pois de nada adianta a predisposição do leitor, se o autor não se preocupou com ela ao elaborar o texto.

Na quarta série, a competência está escondida no exercício quantitativo do ato de ler, no espaço do aluno em ler bem, no espaço e no ambiente agradáveis que a escola oferece e no contexto favorável ou não ao processo. O passo desenvolvido para o alcance da competência do leitor exige a aprendizagem da leitura do mundo, as ações de refletir, compreender e agir e na leitura interdisciplinar. Ela é constituída passo a passo.

³⁰ ROSING, Tânia. **Perfil do novo leitor**: em construção. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 45.

CONCLUSÃO

A leitura é um espaço de formação na quarta série que deve ser conquistado e desenvolvido, com maior responsabilidade, por pais e professores. A leitura permite o prazer, a descoberta, o encontro com o maravilhoso, enfim, abre novos espaços para a criatividade. Durante a leitura de um livro, o leitor tem a oportunidade de viver experiências diferentes das vividas no seu dia-a-dia, experimentar outros pontos de vista, colocando-se no lugar das personagens, vivenciar novos sentimentos, refletir sobre suas atitudes. A leitura participa do aprendizado de vida, facilitando a aquisição do conhecimento.

Na leitura de um livro, a organização do pensamento se faz necessária para a melhor compreensão da trama, promovendo, assim, a construção de estruturas semânticas muito pertinentes na elaboração de seus textos. Cada trecho lido pode remeter a momentos internalizados experimentados em outras situações de vida, criando, assim, uma enorme tela de relacionamentos mentais percorridos durante o processo de elaboração do pensamento. Deste modo, a metáfora de dizer-se que, quem lê, “viaja”, aplica-se perfeitamente à navegação por um texto bem criativo.

Diante das propostas levantadas pela pesquisa bibliográfica, a leitura deve ser motivada internamente, a partir do interesse, da vontade e do desempenho do aluno, diante dos textos que se fundamentam na quarta série, a aprender a ler o mundo e a focalizar a leitura como uma atividade interdisciplinar. Pela realidade dos dados coletados, junto aos professores e alunos de quarta série, conclui-se que as hipóteses levantadas no planejamento da pesquisa foram todas confirmadas.

Em determinados períodos da história, e em alguns ambientes sociais, o livro e a leitura eram a única forma de acesso a um mundo adulto, de emancipação cognoscitiva e sentimental da condição infantil e familiar, em particular. Entende-se que, no processo de sentir gosto pela leitura na quarta série, muita coisa tem que ser mudada, desde os

procedimentos da família, do aluno, do professor e da escola, devendo o aluno despertar os sentimentos de interesse, alegria, curiosidade, mistérios e aventuras.

Atualmente, a evasão da família, o acesso a um imaginário mais ou menos transgressor, utiliza diversos canais, como, por exemplo, a música e em seus ritos a partir da adolescência na televisão e no cinema. Hoje, os mesmos pais, em geral com poucos recursos, estimulam a leitura, independentemente de suas origens culturais, como se pode observar pelo fato de pais de crianças, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, aconselharem, enfaticamente, seus filhos a lerem mais.

Destaca-se a conclusão de que o gosto pela leitura nunca alcançará a plenitude, porque, ao despertar o gosto, este será insaciável. Assim, pode-se dizer que, embora muito produtiva, a presente pesquisa não é um trabalho acabado, devendo e podendo ser realimentada e complementada por outras do mesmo sentido.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ALVES, Rubens. **Ao professor, com o meu carinho**. São Paulo: Versus, 2004.
- BAHIA, Secretaria da Educação. **Princípios e eixos da educação na Bahia: Escola de todos nós**. dez. 2007.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Histórias do menino que lia o mundo**. 2. ed. Veranópolis: ITERRA, 2001.
- BRASIL, Congresso Nacional. **Lei n. 9394**, 20 dez. 1996. Brasília, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério de Educação, 2001.
- CAVALCANTI, Zélia. **Caderno TV Escola**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação à Distância, 1996.
- COELHO, Nelly N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FURTH, Hans G. **Piaget na sala de aula**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. 2005.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. IBGE, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Último acesso em 28 nov. 2008.
- JOLIBERT, Josette et al. **Formando crianças leitoras**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- LAJOLO, Marisa et al. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.
- PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (re) leitura de textos**. São Paulo: Rospel, [s.d.].
- RÉGIS, Sandro. **Itagibá completou 49 anos de emancipação**. Disponível em: <http://www.liderancadaoposicao.ba.gov.br/agenciaMateria_completa.cfm?identificador=129>. Último acesso em 28 nov. 2008.
- ROSING, Tânia. **Perfil do novo leitor: em construção**. Passo Fundo: UPF, 2001.
- SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura e realidade brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Fundação, 1999.
- STRECK, Danilo. **Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes; Curitiba: CELADEC, 1994.
- VARGAS, Susana. O prazer da leitura. **Jornal mundo jovem**. Porto Alegre: Fundação, 1999.
- ZILBERMANN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**, São Paulo: Ática, 1998.